

má-la; o ator da primeira foi morto há pouco tempo.

Se meu semblante não respondesse por mim, e se eu não revelasse nos olhos e na voz a inocência de minhas intenções, não ficara sem disputas nem ofensas tanto tempo, dada minha indiscreta maneira de dizer as coisas, a torto e a direito, e de tudo julgar temerariamente. Essa maneira pode parecer indelicada e contrária aos usos, mas não encontrei ninguém que a tenha considerado injuriosa ou mal intencionada, nem vi quem quer que fosse que minha liberdade magoasse. Isso em relação a minhas próprias palavras, pois quanto aos diz-que-diz-que, outro é o tom e diferente o sentido. Não odei ninguém e não me apraz ofender, ainda que com razão. Quando a oportunidade me foi dada de condenar alguém, sempre preferi faltar ao dever: “Gostaria que não cometessem crimes, mas não tenho coragem de punir os que os cometeram^{33 5}.” Censuravam a Aris-

^{33 5} Tito Lívio.

tóteles ter sido demasiado benevolente com um perverso: “Fui de fato benevolente”, respondeu, “mas com o homem e não com o crime.” Os julgamentos são em geral tanto mais severos quanto mais lamentáveis os crimes; a impressão que tenho diante de minhas faltas é diversa: o horror do primeiro crime leva-me a temer um segundo, o ódio que sinto contra a crueldade cometida induz-me a evitar a repetição e inclino-me para a doçura. Aplica-se a mim, personagem de pouca importância, o que se dizia de Carilo, rei de Esparta, isto é, que não podia ser bom com os bons, pois que não sabia ser mau com os maus. Mas também fora possível interpretar tal atitude como faz Plutarco: “Era tão bom que até com os maus o era.”

Assim como me desagradava intervir licitamente contra aqueles a quem isso possa aborrecer, muito mais me desgosta, em verdade, agir ilicitamente contra os que se comprazem no ilícito.

CAPÍTULO XIII

Da experiência

O desejo de conhecimento é o mais natural. Experimentamos todos os meios suscetíveis de satisfazê-lo, e quando a razão não basta apelamos para a experiência. “Através de várias provas, a experiência cria a arte e o exemplo alheio mostra-nos o caminho^{33 6}.” Este segundo processo é menos seguro do que o primeiro e menos digno; mas a verdade é tão valiosa que nada devemos desdenhar, capaz de nos levar a ela. A razão assume tantas formas que não sabemos qual escolher. A experiência igualmente; e as conseqüências que procuramos tirar da comparação dos acontecimentos não oferecem segurança, porquanto não são jamais idênticas. O que encontramos nas coisas mais semelhantes é a diversidade, a variedade. Como exemplo de semelhança perfeita citamos, com os gregos e os latinos, a existente entre os ovos; entretanto, houve indivíduos, em Delfos particularmente, que sabiam não somente distinguir de que galinheiro provinha o ovo, mas ainda de que galinha. A diferença introduz-se por si só em nossas obras e nenhuma arte pode chegar à similitude. Nem Perro-

^{33 6} Manílio.

zet^{33 7} nem ninguém é capaz de polir e branquear o reverso de suas cartas a ponto de um jogador experimentado não as reconhecer simplesmente ao vê-las manuseadas. A semelhança não unifica na mesma proporção em que a dessemelhança diversifica. A natureza parece ter-se esforçado por não criar duas coisas idênticas.

Por isso não acredito que, como pensava alguém, em se multiplicando as leis reprimiríamos a autoridade dos juizes, porque pouco teriam que decidir. Não pensava que a interpretação deixa grande margem para uma inteira liberdade de julgamento. Engana-se quem imagina acabar com nossas discussões citando um texto preciso da Bíblia; nosso espírito descobre tantas razões para criticar a interpretação alheia quanto para defender a nossa, e tanto comentar como inventar prestam-se às mais acerbas discussões. E bem vemos que a opinião desse indivíduo está errada, pois temos em França maior número de leis do que os demais países reunidos e mais do que seria necessário para governar todos os mundos de Epicuro: “Sofremos tanto das leis como outrora

^{33 7} Célebre fabricante de cartas.

dos crimes³³⁸.” Entretanto, nossos juizes opinam e julgam com uma liberdade e autoridade poderosas e escandalosas. Que ganharam nossos legisladores com selecionar cem mil espécies e fatos específicos e provê-los de cem mil leis? Esse número não está em proporção com a diversidade infinita dos atos humanos, nem a multiplicidade de nossas invenções alcançará jamais a variedade dos exemplos. Acrescentem cem vezes mais leis e não deixará de suceder que nas ocorrências vindouras alguma se encontre, em meio às escolhidas e registradas, que requeira ponderação e juízo diferentes. Pouca relação existe entre nossos atos, sempre em perpétua transformação, e as leis que são fixas e estáticas. O mais desejável a esse respeito é que estas sejam as mais simples possíveis e concebidas em termos gerais; e fora ainda melhor não as ter do que as possuir tão numerosas.

A natureza cria sempre leis melhores do que as nossas. Atestam-no a idade de ouro de que falam os poetas e o estado natural em que vemos viverem os povos que não conhecem leis artificiais. Alguns há que tomam por juiz o primeiro viajante que passa pelas suas montanhas; outros elegem, em determinado momento, uma pessoa qualquer para dirimir suas dúvidas. Que perigo haveria em que os mais sábios resolvessem as nossas, segundo as circunstâncias, sem se aferrar a precedentes nem a conseqüências? Cada pé requer um sapato, cada caso sua solução. O Rei Fernando, ao enviar colonos para as Índias, muito sabiamente determinou que não se mandassem juriconsultos, a fim de evitar que se introduzissem demandas no Novo Mundo, pois julgava com razão que a ciência da justiça gera altercações e dissensões. Na sua opinião, como na de Platão, juriconsultos e médicos são maus elementos em um país.

Por que nossa linguagem comum, tão cômoda e fácil, se torna obscura e ininteligível quando empregada em contratos e testamentos? Por que os que se exprimem tão claramente quando falam ou escrevem, não acham jeito de não se confundir ou se contradizer em atos desse gênero? É porque os príncipes dessa arte se aplicam com especial cuidado em escolher vocábulos solenes, frases artisticamente construídas, e tanto pesam cada sílaba, utilizam cada termo, que nos embaraçam e emburham na multiplicidade das fórmulas e das minúcias; e não mais distinguimos regras ou prescrições e não entendemos absolutamente mais nada: “Tudo o que se divide até se reduzir a pó, faz-se confuso³³⁹.” Quem não viu uma criança

tentar dar forma a uma bola de mercúrio? Quanto mais se obstina, tanto mais se fragmenta o metal rebelde e se dispersa em gotas incontáveis. O mesmo sucede na jurisprudência. Multiplicando-se as sutilezas, ensina-se aos homens a aumentarem as dúvidas, a estenderem e diversificarem as dificuldades; ampliam-se e dispersam-se. Semeando questões e retalhando-as, fazemos com que frutifiquem a incerteza e a dissensão; assim se torna a terra mais fértil na medida em que mais profundamente se remove. “As dificuldades nascem das doutrinas³⁴⁰.” Duvidamos com Ulpiano, duvidamos ainda mais com Bártolo e Baldo. Fora preciso apagar os vestígios dessas inumeráveis opiniões, em vez de nos enfeitarmos com elas e transmiti-las ampliadas à posteridade. Sabemos por experiência que a pluralidade de interpretações dissipa e desagrega a verdade. Aristóteles escreveu para ser entendido; se não o logrou, menos logrará alguém menos hábil do que ele e menos conhecedor das idéias de quem as expôs. Fragmentamos a matéria; de um assunto fazemos mil e caímos, multiplicando-os e dividindo-os, nessa infinidade de átomos que imaginara Epicuro. Nunca duas pessoas julgaram uma mesma coisa da mesma maneira e é impossível observarem-se duas opiniões idênticas, não só de indivíduos diferentes mas ainda de um mesmo homem em dois momentos diversos. Duvido em geral acerca de pontos não comentados; tropeço facilmente onde não há dificuldades, como certos cavalos que são menos seguros nos caminhos batidos e planos³⁴¹.

Quem há de negar que as aplicações aumentam as dúvidas e a ignorância, quando vê que a interpretação não dirimiu nenhuma dificuldade de nenhum texto humano ou divino? O centésimo comentador transmite-o ao seguinte, mais espinhoso e escabroso do que o recebera de seu antecessor. Quando nos aconteceu convir em que determinado livro já fora suficientemente analisado? Isso se observa melhor ainda na chicana, pois então outorgamos autoridade legal a inúmeros doutores, decisões e interpretações. Poremos fim algum dia a essa mania de interpretar? Teremos feito algum progresso no caminho da tranqüilidade? Precisamos de menos juizes e advogados do que quando essa massa de leis ainda se achava na primeira infância? Ao contrário, obscurecemos-lhes e

³⁴⁰ Quintiliano.

³⁴¹ A frase é confusa e parece contraditória. Outros lhe deram sentido contrário. Ativemo-nos à interpretação de Michaut. O pensamento de Montaigne carece por vezes de ligação lógica e há que apelar para certas associações de idéias para entendê-lo. (N. do T.)

³³⁸ Tácito.

³³⁹ Sêneca.

abafamos-lhes a compreensão, que já não percebemos senão através de tapumes e barreiras. Os homens desconhecem a enfermidade de seu espírito, o qual não faz senão fuçar, conjeturar, chafurdar na sua agitação até se afogar nela, como o bicho-da-seda ou como um camundongo no pez. Pensa, de longe, ver certa aparência de luz e de verdade imaginárias, mas ao acercar-se surgem os obstáculos, as novas pesquisas, e ei-lo perdido e estonteado. É o caso dos cães de Esopo que, vendo um corpo a flutuar no oceano e não o podendo alcançar, resolveram beber a água para secar o mar, e morreram. E Crates dizia dos escritos de Heráclito, que necessitavam de um leitor bom nadador para que não se afogasse na profundidade e no peso da doutrina.

Só por fraqueza nos contentamos com o que outros e nós mesmos deparamos nessa caça ao saber; os mais aptos não se satisfazem e haverá sempre caminho a percorrer para quem vier depois, e até para nós se agirmos de outro modo. Nossas investigações só chegarão ao fim no outro mundo. Contentar-se é sinal de falta de fôlego ou de lassidão. Nenhum espírito generoso se detém por si mesmo, antes vai sempre para diante e além de suas forças. Se não se afana, não se apressa, não acua, não se choca, não gira sobre si mesmo, é porque não está vivo, vegeta. Suas buscas não têm forma nem fim; alimenta-se de admiração, de pesquisas, de dúvidas, o que demonstrava Apolo falando sempre com duplo sentido, obscura e obliquamente, não nos dando satisfação e sim despertando nossa imaginação, e excitando-a. Trata-se de um movimento irregular, perpétuo, sem molde e sem objetivo, cujas invenções se estimulam, se sucedem e se criam mutuamente:

“Assim se vê no arroio contemplando
a água que após a água vai correndo,
em uma ordem eternamente igual.
A água persegue a água que foge,
a qual outra persegue igualmente.
Uma por outra é empurrada
e uma precede sempre a outra.
A água segue a água e é variável.
Mas o rio é sempre o mesmo,
imutável^{3 42}.”

Interpretar as interpretações dá mais trabalho do que interpretar a própria coisa, mas escrevemos mais livros sobre livros do que sobre os assuntos mesmos; comentamos uns aos outros. Há excesso de comentadores

mas escassez de autores. A principal ciência do século consiste em entender os sábios; não está nisso o fim último de nossos estudos? Nossas opiniões sustentam-se mutuamente, uma serve de degrau à outra e assim acontece que quem sobe mais alto e maior reputação adquire não tem em verdade grande mérito, pois não fez senão superar de um átimo o que vem logo abaixo.

Quantas vezes, e quiçá tolamente, não ampliei meu livro fazendo com que falasse de si mesmo? Tolice, mesmo porque devia ter-me lembrado do que digo dos outros: “todas essas olhadelas na própria obra atestam que o coração sente por ela muita ternura; e mesmo quando a maltratam e fingem desprezá-la, na realidade não fazem senão disfarçar o amor materno”. É o que diz Aristóteles, acrescentando que a estima e o desdém de si mesmo se traduzem com o mesmo ar arrogante. Tenho contudo uma desculpa: cabe-me o direito à maior liberdade, porquanto é precisamente de mim mesmo e de meus escritos que trato neste livro; mas não sei se aceitarão a desculpa.

Lutero, na Alemanha, provocou mais dúvidas e dissensões acerca de suas idéias do que teve a respeito das Santas Escrituras. Tudo é questão de palavras e se resolve com palavras. Uma pedra é um corpo, mas, se perguntarmos o que é um corpo, responderão: substância. E que é substância? etc. Interrogado dessa maneira, qualquer um logo se sente acuado. Muda-se uma palavra por outra, as mais das vezes desconhecida. Sei o que é um homem, mas sei menos o que seja um animal, um mortal, um ser dotado de razão; para libertar-me de uma dúvida impingem-me três; é a cabeça da hidra. Sócrates indagou de Mênon em que consistia a virtude. “Há”, respondeu Mênon, “virtude de homem, virtude de mulher, de magistrado, de particular, de criança, de velho.” “Ótimo”, observou Sócrates, “andávamos à procura de uma virtude e dão-nos um enxame.” Fazemos uma pergunta e respondem-nos com um punhado de interrogações. Assim, pois, como nenhum fato nem forma se assemelha inteiramente a outro, tampouco difere por completo. Se nossos rostos não se parecessem, não poderíamos distinguir o homem do bicho; e se fossem idênticos, um indivíduo não se distinguiria de outro. Tudo comporta alguma semelhança, mas a identidade com um dado exemplo nunca é absoluta; consequentemente, a relação inferida da experiência é sempre imperfeita. Entretanto, as comparações ligam-se entre si por alguma parte; é o que ocorre com as leis que, mediante interpretações sutis, forçadas e indiretas, adaptamos aos casos que se vão apresentando.

^{3 42} La Boétie — Paráfrase do *Orlando Furioso*.

Sendo as leis éticas — as que regulam o dever particular de cada um consigo mesmo — tão difíceis de se estabelecerem, não há como estranhar que as que governam a muitos o sejam mais ainda. Considerai as formas da justiça que nos rege: são um autêntico testemunho da imbecilidade humana, tal o número de contradições e erros que computam. E o fato de depararmos com tanto rigor e tanta indulgência ao mesmo tempo na justiça, prova que há membros enfermos no próprio corpo e essência da jurisprudência. Neste momento mesmo em que escrevo, alguns camponeses vêm avisar-me de que encontraram à entrada da floresta um homem moído de pancadas e que lhes pedia água e ajuda para erguer-se. Não ousaram aproximar-se, dizem-me, e fugiram com medo de serem presos por policiais (como fazem estes com quem é visto ao lado de um cadáver) e terem de explicar o acidente, o que seria um desastre para eles, sem o dinheiro nem os meios com que provar sua inocência. Que podia censurar-lhes? É certo que, atendendo a seu dever de humanidade, se teriam comprometido.

Quantos inocentes sabemos terem sido punidos, sem culpa sequer dos juízes? E quantos o foram que não conhecemos? Eis um fato ocorrido há tempos. Uns indivíduos são condenados por homicídio, e já se ia executar a sentença quando os juízes são informados por oficiais de justiça de um tribunal de instância inferior de que seus presos acabam de confessar categoricamente a autoria do crime, o que esclarece por completo a questão. Deliberam então os juízes sobre se se deve sustar a execução da sentença já proferida; ponderam o ineditismo do caso, e as conseqüências que podem advir para os julgamentos futuros; e concordam em que a sentença era válida porquanto juridicamente certa. E os pobres diabos foram enforcados em holocausto ao formalismo da justiça.

Filipe da Macedônia, ou outro qualquer, não sei bem, resolveu uma questão semelhante da seguinte maneira: condenara um indivíduo a pagar a outro forte indenização e tempos depois verificou-se que julgara iniquamente. De um lado havia o interesse da causa que era justa, de outro a razão das formas judiciais que tinham sido honestamente observadas. Filipe mandou que confirmassem a sentença e de seu bolso ressarciu os prejuízos sofridos pelo condenado. Mas o caso era reparável, enquanto na questão precedente os réus perderam a vida. Quantas condenações mais criminosas do que o crime não tive a oportunidade de ver!

Isso tudo leva-me a recordar antigos princí-

pios como este: quem deseja o triunfo do direito nas questões gerais, é forçado a sacrificá-lo nas coisas de menor importância; a injustiça no pormenor é necessária à justiça no todo. A justiça é como a medicina: tudo o que é útil é, por isso mesmo, honesto e justo. O que corresponde às idéias dos estóicos: “a própria natureza em boa parte de suas obras age contra a justiça”. E admitem os cirenaicos que nada é justo em si; os costumes e as leis é que determinam o que é justo e o que o não é. E os teodorianos pensam que o furto, o sacrilégio e os atos imorais de qualquer espécie se justificam aos olhos do sábio, desde que possam ser úteis. Contra isso não há nada a fazer e, como Alcibíades, limito-me a dizer que nunca, se puder, me entregarei a alguém com direito de vida e morte sobre mim e cuja decisão se inspirará muito mais no talento e na habilidade de meu advogado do que na minha inocência. Eu só me arriscaria diante de um tribunal com capacidade para conhecer de minhas boas e más ações e do qual tanto teria a temer como a esperar. Uma simples absolvição não pode satisfazer quem tenha feito algo mais do que não cometer um crime. Nossa justiça só nos mostra uma de suas mãos, e ainda por cima a esquerda; quem quer que seja com ela sai sempre perdendo.

Na China, as instituições e as artes, que divergem consideravelmente das nossas e que conhecemos mal, superam amiúde, por sua excelência, o que ocorre em França. Por esses exemplos verificamos a que ponto o mundo é maior e mais variado do que os antigos — e nós mesmos — imaginamos. Ali são enviados oficiais a todos os recantos do Império, a fim de controlar o estado das províncias; e assim como punem os que prevaricam e roubam, recompensam generosamente os que se conduzem melhor do que os demais e fazem mais do que devem. Desse modo não comparecem os indivíduos perante a justiça para salvar-se e sim para ganhar alguma coisa, não esperam unicamente equidade e sim honrarias.

Graças a Deus, nenhum juiz me falou até agora como juiz, nem em causa minha nem em de terceiros, nem no cível nem no criminal. Nunca entrei numa prisão sequer para a visitar; minha imaginação torna a coisa desagradável mesmo de fora. Sou tão ávido de liberdade que, se me proibissem o acesso a algum recanto das Índias, passaria a viver por assim dizer incomodamente; e enquanto houver um lugar em que a terra e o mar sejam livres, não residirei onde precise esconder-me. Como sofreria nas condições em que vejo certas pessoas, obrigadas a residir em uma dada região do reino, proibidas de utilizar as estradas, de

entrar nas cidades e na corte, porque infringiram as leis! Se aquelas sob as quais vivo ameaçassem sequer a ponta de meu dedo, iria imediatamente acolher-me à sombra de outras, fosse onde fosse. Toda a minha pequena prudência, emprego-a, durante as guerras civis que nos afligem, em evitar que entrem minha liberdade de locomoção.

A autoridade das leis não está no fato de serem justas e sim no de serem leis. Nisso reside o mistério de seu poder; não têm outra base, e essa lhes basta. Foram não raro feitas por tolos; mais vezes ainda por indivíduos que, no seu ódio à igualdade, incorriam em falta de equidade; mas sempre por homens e portanto por autores irresolutos e frívolos. Nada há tão grave, ampla e comumente defeituoso quanto as leis; quem as obedece porque são justas, labora em erro, pois é a única coisa que em verdade não são. As leis francesas, pela sua confusão e sua deformidade, prestam-se à desordem e à corrupção que se verificam em sua aplicação. Seu conteúdo é tão obscuro e assenta em princípios tão variáveis, que os que lhes desobedecem, as interpretam, observam ou aplicam mal são desculpáveis. Qualquer que seja o fruto que tiremos da experiência, o que nos vier do estrangeiro não servirá para as nossas instituições enquanto utilizarmos tão mal as leis que nos demos, com as quais estamos familiarizados e que por certo são suficientes para instruir-nos acerca de tudo de que precisamos. Estudo-me a mim mesmo mais do que qualquer outra coisa e esse estudo constitui toda a minha física e a minha metafísica: “De que modo Deus governa o mundo? Que caminho percorre a lua? Como, reunindo sua dupla face, se encontra ela cheia todos os meses? De onde vêm os ventos que comandam os mares e qual a influência do que vem do sul? Quais as águas que formam as nuvens? Ocorrerá um dia a destruição do mundo^{3 4 3}?” “Procurai, vós que o desejo de aprofundar os mistérios da natureza atormenta^{3 4 4}.” Nesse grande todo abandono-me despreocupado e ignorante à grande lei geral que rege o mundo; conhecê-la-ei suficientemente quando lhe sentir os efeitos. Meu saber não pode afastá-la de seu caminho; não se modificará por mim, seria loucura esperá-lo; e maior loucura ainda aborrecer-me, pois necessariamente é ela igual para todos e a todos se aplica. A bondade, o poder de quem governa o mundo eximem-nos de qualquer ingerência em suas leis. As pesquisas e as contemplações dos filósofos servem apenas de alimento para nossa curiosidade. Têm

razão quando nos apontam a natureza; mas de que vale tão sublime conhecimento? Eles falsificam-lhe as regras e no-la apresentam com um rosto pintado e tão sofisticado que mal a reconhecemos nessa variedade de retratos de um mesmo modelo. Deu-nos a natureza pés para andar e prudência para nos conduzirmos na vida. Essa prudência não é, como a imaginaram, um complexo de finura, força e ostentação; é, como disse alguém, fácil, tranqüila, salutar e eficiente para quem a empregar com inocência e oportunidade, isto é, naturalmente. Entregar-se simplesmente à natureza é a melhor maneira de confiar nela. Como a ignorância e a ausência de curiosidade constituem um doce e mole travesseiro para descansar uma cabeça equilibrada!

Gostaria mais de entender bem o que se verifica em mim do que compreender perfeitamente Cícero. Na minha experiência própria já tenho com que me tornar sábio, desde que atente para seus ensinamentos. Quem se lembra do papel feio que fez quando tomado de cólera e a que excessos essa febre o impeliu, já sabe a que ponto uma tal paixão é lamentável e não precisa que lho diga Aristóteles. Quem se recorda dos males de que foi vítima, ou de que se viu ameaçado, e das circunstâncias sem gravidade que o puderam perturbar, já se acha preparado para as agitações futuras e conhece sua condição. A vida de César não nos oferece mais exemplos do que a nossa, porque tanto a de um imperador como a de um homem vulgar são vidas humanas e sujeitas a todos os acidentes humanos. Escutemos nossa experiência, e veremos que nos diz tudo aquilo de que temos necessidade especial. Não é um tolo quem não desconfia afinal de seu juízo, se reconhece ter sido por ele enganado mil vezes? Quando me convenço, diante dos argumentos que me apresentam, de que minha opinião é errônea, não é tanto a ignorância que se evidencia a meus olhos — seria pouco — é minha fragilidade que constato, é a traição de minha inteligência, e chego à conclusão de que tudo está a exigir reforma. Em todos os meus outros erros, ajo da mesma maneira e tiro dessa regra grande proveito na vida. Não olho, no caso, o fato, como uma pedra em que ocasionalmente tropeço; o que ele me revela é que possivelmente tudo precisa ser revisto e reajustado. Saber que dissemos ou fizemos uma tolice, pouca importância tem; o importante é saber que somos tolos. Os maus passos que minha memória me fez dar, mesmo quando mais confiava nela, não foram inúteis. Hoje pode ela jurar-me que está segura de si, não acredito mais, e qualquer objeção que oponham a seu testemunho, põe-me de sobreaviso.

^{3 4 3} Propércio.

^{3 4 4} Lucano.

Não ousaria contar com ela para algo sério, nem endossá-la quando se trata de coisas executadas por outrem, e se não fosse porque o que faço às vezes por falta de memória fazemo os outros por má fé, daria por certo o que sai de boca alheia mais do que o que sai da minha. Se cada um observasse de perto as causas e os efeitos das paixões que o dominam, como eu estudo as minhas, vê-las-ia aproximarem-se e lhes atenuaria a violência. Nem sempre nos pegam de improviso pela garganta; ameaçando-nos é que começam, e em seguida nos invadem a pouco e pouco: "Assim o primeiro sopro do vento clareia o mar, incha-o, arma suas ondas e aos poucos leva até as nuvens as águas dos abismos^{3 4 5}." O julgamento ocupa em mim o primeiro lugar; ao menos esforça-se por isso. Deixa inteira liberdade a meus apetites; nem o ódio, nem a amizade, nem a afeição que dedico a mim mesmo o alteram ou corrompem; e se ele não pode modificar meus outros elementos a seu modo, não permite, ao menos, que o deformem.

O conselho de nos conhecermos a nós mesmos deve ser de importância capital, porquanto o deus da ciência e da luz fê-lo gravar no frontispício de seu templo, como se compreendesse tudo o que nos podia recomendar. Platão diz que a prudência não é outra coisa senão a aplicação dessa máxima, e Sócrates, em Xenofonte, desenvolve-a longa e minuciosamente. As dificuldades e obscuridades de cada ciência, só as percebem os que a conhecem, porque é preciso um certo grau de inteligência para saber o que se ignora; é empurrando a porta que verificamos se está fechada. Foi o que deu origem a este aforismo da escola de Platão: "os que sabem, não precisam investigar porque sabem, porquanto para fazê-lo é necessário saber que se investiga". Assim, conhecer-se a si mesmo significa que embora todos se mostrem muito afirmativos e satisfeitos e se imaginem bastante entendidos, na realidade nada sabem, como o demonstra Sócrates a Eutidemo. Eu que penso desse modo, vejo nessas palavras uma profundidade tão variada e infinita que o que aprendo não comporta outro resultado senão o de me fazer sentir quanto me resta ainda por aprender. À minha debilidade, tão amiúde reconhecida, devo a inclinação que tenho para a modéstia, para a obediência às crenças que me prescrevem, para a serenidade e a moderação nas minhas idéias, bem como o ódio que experimento contra a arrogância importuna e belicosa, inimiga figadal de toda disciplina e

3 4 5 Virgílio.

de toda verdade, dos que só crêem e só confiam em si mesmos. Escutai-os e vereis que, qualquer tolice que digam, sempre se expressam em um estilo de profeta e legislador.

"Nada é mais vergonhoso do que afirmar e decidir, antes de compreender e de saber^{3 4 6}?" Aristarco dizia que só se haviam encontrado outrora sete sábios no mundo inteiro, e que em sua época fora difícil descobrir sete ignorantes; não teríamos mais razão do que ele para dizê-lo de nosso século? A afirmação e a obstinação são sinais evidentes de estupidéz. Há quem beije a terra cem vezes em um dia e no entanto continue a provocar, mais afirmativo e obstinado do que nunca. Dir-se-ia que lhe infundiram uma alma nova e lhe retemperaram as forças, e lhe acontece o que ocorria com aquele filho da Terra que se fortalecia com as quedas, "renova as esgotadas forças de seus membros ao tocar a terra^{3 4 7}". Pensa o indócil cabeçudo que adquire novo engenho para iniciar uma nova luta. É por experiência que acuso a ignorância humana de ser o que produz de mais seguro a escola do mundo. Os que não quiserem admitir minha opinião (em verdade sem consequência) ou hesitam ante o que vêem, hão de concordar diante do pensamento de Sócrates, o mestre dos mestres, de quem Antístenes dizia a seus discípulos: "Vamos ouvir Sócrates; aí serei um discípulo como vós." Esse mesmo filósofo, dissertando acerca do dogma estoico, de que "a virtude basta para assegurar a felicidade da vida, nada mais se necessitando", acrescentava: "a não ser da firmeza de ânimo de Sócrates".

A atenção que de há muito aplico em analisar-me, habilita-me a julgar com algum discernimento os outros. E de poucas coisas falo com mais êxito e competência. Ocorreu-me não raro distinguir com mais justeza do que eles próprios as boas ou más disposições em que se encontravam meus amigos; alguns houve que espantei com a exatidão de minhas observações e que pus de sobreaviso contra si mesmos. Habitado desde a infância a estudar minha vida olhando-me na dos outros, adquiri uma aptidão real a escrutá-las; e quando me esforço, poucas coisas me escapam das que se verificam ao redor de mim e possam auxiliarme nessa tarefa: fisionomias, raciocínios, tendências. Tudo estudo: o que convém evitar e o que cumpre imitar. Por isso percebo em meus amigos, pelo que fazem, o estado de alma em que se acham, embora não vise com isso classificar em gêneros e espécies essa infinita

3 4 6 Cícero.

3 4 7 Lucano.

variedade de ações tão diversas pela sua natureza e forma, e em seguida juntá-los em classes e divisões conhecidas, “pois fora impossível enumerar todos os nomes e espécies, tão numerosos são^{3 48}”. Os sábios falam e expressam suas idéias mais específica e minuciosamente; mas eu, que só sei e vejo o que o uso me ensina, apresento as minhas sem obedecer a regras, ao acaso e parceladamente, como coisas que não cabe dizer em conjunto e de uma vez, pois nada se impõe pela harmonia nas almas vulgares como as nossas. A sabedoria é um edifício sólido e que constitui um todo; cada peça ocupa seu lugar certo e traz-lhe a marca; “somente a sabedoria se encerra toda em si mesma^{3 49}”. Deixo aos artistas — e não sei se o conseguem em se tratando de coisa tão fortuita — o cuidado de distribuir por categorias a variedade imensa dos aspectos, fixando e ordenando a nossa inconstância. Não somente acho difícil ligar nossos atos uns aos outros, mas ainda encontrar a qualidade essencial de cada um, suscetível de defini-lo de um modo específico, já que são tão variegados e numerosos.

Afirmava-se que Perseu, rei da Macedônia, era um homem raro, porque seu espírito não se preocupava com nada, não se fixava em coisa alguma e porque ele levava assim todos os gêneros de vida com hábitos tão livres e cambiantes que nem ele próprio nem os outros podiam saber que tipo de homem era. Penso que o mesmo, pouco mais ou menos, se pode afirmar de todo mundo. E em particular de alguém que conheço, a quem se aplicaria melhor ainda, creio: não tem sossego, vai de um extremo a outro sem motivo plausível; sua vida sem brilho não mostra nem reverses, nem contrariedades sérias; não tem nenhuma qualidade nitidamente caracterizada; e dele se dirá provavelmente um dia que procurou tornar-se conhecido como um ser impenetrável. É preciso ter ouvidos duros para escutar um julgamento franco; e como poucos o suportam sem revolta, os que se arriscam a prestar-nos esse serviço dão-nos uma prova de amizade pouco comum, pois só o amor justifica que nos firam e ofendam para beneficiar-nos. Acho difícil julgar alguém cujos defeitos superam as qualidades; e Platão impõe ao juiz três condições: ser capaz, ser generoso e ser ousado.

Perguntaram-me de uma feita o que eu pensava que fora capaz de fazer se me houvessem empregado na idade de servir, “quando um sangue mais vivo corria em minhas veias e que

a velhice invejosa não tinha ainda embranquecido as minhas têmporas^{3 50}”. Nada, respondi. E congratulo-me por não saber nada que me houvera tornado escravo de alguém. Mas fora capaz de dizer verdades a meu senhor e criticar-lhe os costumes, se ele quisesse. Não o fizera em teoria, valendo-me da filosofia, o que não sei fazer e que não creio tenha modificado realmente quem o sabe, mas observando-o em detalhe, nos momentos oportunos, julgando seus feitos e gestos um por um, simplesmente, naturalmente, mostrando-lhe o que pensam dele e não o que lhe asseguram os cortesãos. Nenhum de nós valeria mais do que os reis, se, como eles, vivesse continuamente corrompido por essa canalha. E como não hão de sucumbir a essa corrupção, se o próprio Alexandre, grande rei e grande filósofo, não pôde preservar-se? Eu teria tido bastante fidelidade, julgamento e liberdade para isso. Um tal ofício não seria remunerado, sem o que perderia sua eficiência e seu mérito, pois é cargo que não poderia ser preenchido por qualquer pessoa, não tendo a verdade o privilégio de se manifestar a qualquer momento e propósito. Por nobre que seja, seu uso tem seus limites. Acontece não raro que, dada a natureza das coisas, dizer a verdade ao ouvido do príncipe pode ser contraproducente e mesmo injusto. Uma crítica merecida pode aplicar-se erroneamente, porque o interesse do conteúdo deve por vezes dar prioridade às exigências imediatas da conveniência. Para tal cargo eu indicaria um homem satisfeito com a sorte, “que quisesse ser o que é e nada mais^{3 51}”, de situação social e financeira regular. Assim, por um lado não teria receio de, molestando o príncipe, prejudicar a própria carreira e, por outro, poderia comunicar-se com toda classe de gente. Proporia também que somente uma pessoa ocupasse o cargo, pois atribuir tal liberdade e familiaridade a muitos acarretaria uma perniciosa irreverência. Finalmente exigiria de um tal personagem uma estrita discrição.

Não há como acreditar em um rei que se vanglorie de suportar os ataques de seus inimigos quando, para se corrigir proveitosamente, não aceita a liberdade de linguagem de amigo, tanto mais quanto não se lhe pede senão que ouça; tudo o mais é de sua própria alçada. Não há homens que mais do que o príncipe necessitem de sinceras e livres advertências. Levam uma vida pública e são objeto de todas as curiosidades e juízos. E, como sempre lhes escondem tudo, acabam incorrendo nas iras de todos, quando, com um

^{3 48} Virgílio.

^{3 49} Cícero.

^{3 50} Virgílio.

^{3 51} Marcial.

pequeno esforço, o teriam evitado, sem dano para suas satisfações próprias, tão-somente ouvindo esclarecimentos oportunos. Em geral os favoritos atentam para seus interesses pessoais mais do que para os do seu senhor; e logram êxito com isso, porquanto, infelizmente, os verdadeiros serviços que um autêntico amigo pode prestar a um soberano são rudes e arriscados. Por isso exigem, além de muita afeição e franqueza, muita coragem.

Em suma, todo este ensofado de frases aqui jogadas algo confusamente constitui uma espécie de registro das experiências de minha vida. No que concerne à saúde do espírito, fornecem elas muitos exemplos instrutivos, conquanto façam o contrário do que disse e eu mesmo fiz. Quanto à saúde do corpo ninguém há de falar com maior experiência do que eu, e ofereço-a em toda a sua pureza, não alterada por artificios ou preconceitos. E quando se trata de medicina ela está à vontade; a razão cede-lhe seu lugar. Dizia Tibério que bastava ter vivido vinte anos para saber o que nos convém e o que nos é nocivo; e poder, portanto, dispensar o médico. Deve ter aprendido isso com Sócrates, o qual recomendava a seus discípulos, como estudo principal, o da própria saúde, acrescentando que um homem de bom senso, simplesmente com observar seus atos, sua maneira de comer e beber, devia distinguir, melhor do que o médico, o útil e o prejudicial. Proclamando a medicina que assenta seus mandamentos na experiência, observa Platão que o médico precisava então ter sido vítima de todas as doenças que pretende curar, e nas circunstâncias em que lhe cumpre pronunciar-se. Assim, para curar a sífilis devia primeiramente contraí-la. Nesses médicos eu confiaria. Os outros agem como quem, em segurança, pinta sobre a mesa mares, portos e recifes e passeia por eles um navio de brinquedo; na presença da realidade não saberia como conduzir-se. Descrevem os médicos nossos males como um pregoeiro de aldeia descreve o cavalo ou o cão perdidos, dizendo a cor do pêlo, o tamanho e a raça, mas incapazes de reconhecê-lo se lho apresentam. Por Deus, se a medicina me prestar um dia algum serviço eficaz, não deixarei de proclamar: "enfim, eis uma ciência de resultados palpáveis^{3 52}".

As artes que nos prometem a saúde do corpo e da alma muito prometem, mas não há nenhuma que cumpra menos suas promessas. Entre nós, os que exercem essas profissões são os que menos mostram sua eficiência; pode-se dizer deles que vendem drogas medicinais, mas

não que sejam médicos. Vivi bastante para que me julgue no direito de expor as práticas que me levaram tão longe. Quem o quiser tentar que atente para minhas informações. Eis algumas dessas práticas que relato ao sabor da memória. Embora minha maneira de ser tenha variado de acordo com as circunstâncias, certas práticas foram seguidas mais do que outras; relato aqui as que empreguei mais habitualmente até agora.

Doente ou com saúde meu modo de vida é idêntico. Uso o mesmo leito, as horas de refeição não mudam, como e bebo as mesmas coisas; nada acrescento nem retiro, apenas faço o que exigem minha disposição e meu apetite. Consiste minha saúde em manter sem perturbações o meu estado habitual. A doença acarreta por certo uma ruptura de equilíbrio em certo sentido, mas se ouvisse os médicos, eles o provocariam em outro sentido e assim com a ajuda de sua arte e de meu azar estaria completamente transtornado. Creio firmemente nisto: não podem prejudicar-me as coisas a que estou há tanto tempo acostumado; nossos hábitos moldam nossa vida a seu bel-prazer, como a bebida de Circe que modifica a nossa natureza a seu talento. Quantos povos, a dois passos daqui, não consideram ridículo o nosso medo do sereno? E como zombam disso os nossos campônios! Um alemão ficará doente se dormir em colchão; ao italiano repugnam as penas; e o francês não passa sem cortinas e lareira. O estômago de um espanhol não resiste à nossa alimentação, nem o nosso em beber como os suíços. Em Augsburg um alemão criticou-me a lareira com os mesmos argumentos que usamos contra seus fogareiros. Em verdade o calor pesado e o cheiro de combustível que empregam sufocam quem não está habituado; pessoalmente não sinto esse efeito. Mas esse calor é igual e constante, global; não produz chamas nem fumaça; não se recebe o vento que se introduz pela chaminé, como em nossas lareiras. O sistema de aquecimento suporta portanto a comparação com o nosso. Dizem que outrora em Roma o fogão se situava fora de casa e o calor era introduzido por tubos que serpenteavam no interior dos cômodos e o espalhavam por toda parte. É o que nos descreve Sêneca em algum trecho que não recordo. Todo calor proveniente do fogo me enfraquece e entorpece. Eveno dizia que o fogo é o melhor condimento da existência; eu prefero qualquer outro meio de fugir ao frio.

Não apreciamos os vinhos do fundo do tonel; gostam deles em Portugal e servem-nos às mesas dos príncipes. Na realidade, todo povo tem costumes e usos que não somente

^{3 52} Horácio.

são desconhecidos dos outros como ainda lhes parecem estranhos e bárbaros. Que pensar deste povo que só aceita testemunhos escritos, que só acredita nos homens quando falam por meio de livros, e na verdade se é idosa? Nossas tolices, a seu ver, adquirem dignidade quando impressas; e dizer "li" é para ele muito mais importante do que "ouvi". Por mim, dou igual valor ao que sai da boca como ao que vem da mão, sei que se escreve tão indiscretamente como se fala, acho meu século igual aos outros e acredito tanto em um amigo quanto em um macróbio e no que vejo como no que escrevem. E assim como os antigos autores acham que a virtude não é maior por ser mais velha, não penso que a verdade seja mais real por ser mais antiga. Amiúde declaro que é pura tolice recorrer a exemplos alheios e escolásticos; nossa época fornece-nos um tão grande número deles quanto as épocas de Homero e Platão. Não provirá o nosso erro de emprestarmos mais veracidade às citações do que ao que dizemos? Como se, apoiando-nos em Plantin, provássemos mais do que em nos atendo ao que vemos em nossa aldeia! Ou provirá do fato de não termos suficiente inteligência para analisar e realçar o valor e tirar conclusões do que ocorre ao redor de nós? Não há como admitirmos que careçamos de autoridade para dar crédito a nosso testemunho, pois entendo que as coisas mais vulgares e comuns poderão, se soubermos esclarecê-las, colocar-nos em presença dos maiores milagres da natureza e fornecer-nos os mais maravilhosos exemplos, em particular se nos referirmos às ações humanas.

Prossigamos em nosso assunto. Aristóteles dizia que Andron atravessara os desertos da Líbia sem beber; pois eu conheço um cavaleiro que já desempenhou com dignidade vários cargos e que assegura ter ido de Madri a Lisboa, em pleno verão, sem beber um gole. É um homem forte para sua idade e que nada revela de estranho em sua vida cotidiana, a não ser ficar dois ou três meses por ano sem beber. Tem sede, mas deixa-a passar, garantindo que o desejo se dissipa facilmente e que, se bebe, é antes por capricho do que por necessidade ou prazer.

Não faz muito, encontrei um dos homens mais sábios de França e não menos rico. Trabalhava em um canto da sala, guarnecido de tapeçarias, e ao redor dele fazia a criadagem grande ruído. Contou-me, e Sêneca diz o mesmo de si próprio, que aquele alvoroço era útil, e como que lhe ajudava a concentrar as idéias. Estudando em Parma, trabalhara tanto tempo em um local de onde se ouviam conti-

nuamente o barulho das carruagens e o tumulto da praça, que se habituara não somente a não se incomodar com isso mas ainda a não o poder dispensar. Sócrates respondia a Alcibíades, que se espantava com vê-lo suportar a gritaria contínua da mulher: "é como o ruído comum do engenho, não atrapalha a produção". Eu sou o contrário, distraio-me facilmente; quando não estou bem disposto, é-me insuportável o menor zumbido de mosquito.

Sêneca em sua juventude aplicara-se em seguir resolutamente o exemplo de Séxtio, o qual não comia nada que tivesse vida; a experiência durou um ano e lhe foi profícua, como nos informa. Só renunciou à dieta para que não o suspeitassem de ser partidário de certas religiões novas que a propugnavam. Seguindo também a recomendação de Átalo, não dormia em colchão mole, o que fez até morrer. O que os costumes da época induziam a julgar uma prova de austeridade, é hoje considerado requinte.

Os citas e os indianos não divergem mais de mim, em sua maneira de viver, que os meus criados. Retirei por vezes da mendicância jovens que, após algum tempo, abandonavam o serviço que lhes dera para retornar a seu modo de vida antigo. Um encontrei, que juntava mariscos nas ruas para comer e que não conseguiu desviar de sua indigência nem com recompensas nem com ameaças. Os miseráveis, assim como os ricos, têm seus prazeres e magnificências, sua hierarquia e dignitários. Tais efeitos decorrem dos hábitos, os quais nos amoldam a seu gosto, de modo que, como aconselham os sábios, convém atermo-nos aos melhores, não somente porque assim mais acessíveis se tornam, como também porque assim nos preparamos para as mudanças possíveis, e é a melhor aprendizagem que podemos fazer. Minha melhor qualidade consiste em ser flexível e pouco obstinado. Tenho inclinações mais pessoais, que me são mais agradáveis, mas com um pequeno esforço afastou-as ou as contrário. Os jovens devem mudar às vezes de regras de vida para despertar seu vigor e impedir que se amoleçam. Não há nada mais tolo do que sempre se conduzir em obediência a uma mesma disciplina: "Se quer transportar-se até o primeiro marco do caminho consulte seu tratado de astrologia; se irritou o olho, esfregando-o, providencie para que o colírio se fabrique segundo seu horóscopo^{3 53}." Que cometa alguns abusos, pois de outra maneira o menor excesso lhe será fatal! O que há de pior para um homem de certa con-

^{3 53} Juvenal.

dição social é ser obrigado a um gênero particular de vida, em virtude de sua exagerada delicadeza. É o que acontece quando não se possui a capacidade de se adaptar a quaisquer exigências. Há então que não fazer, por impotência, o que fazem os outros; e as pessoas de semelhante temperamento devem ficar em casa com seu regime. Uma tal atitude é sempre inconveniente, mas na profissão militar constituiu um vício insanável, porque o homem de guerra, como dizia Filopêmen, deve estar acostumado a todas as mudanças e irregularidades da vida.

Embora tenha sido educado no amor à liberdade e à indiferença, ao envelhecer habituei-me a certas maneiras de agir (a idade não me permite mais corrigir-me) e o hábito, sem que o percebesse, já imprimiu em mim sua marca e muitas coisas já considero difícil não as fazer ou as fazer diferentemente. Não posso mais dormir ao ar livre, comer entre as refeições, deitar-me após o almoço, ou o jantar, sem pelo menos três horas de intervalo; ter relações com minha mulher senão antes de dormir, suportar o suor no meu corpo, beber água ou vinho puros, permanecer durante muito tempo com a cabeça descoberta, cortar o cabelo depois da refeição. Não prescindo de luvas como não fico sem camisa e é-me uma necessidade lavar-me pela manhã e ao levantar-me da mesa; julgo imprescindíveis um dossel e cortinas. Comeria, se preciso, sem toalha, mas não posso ficar sem guardanapo como os alemães. Sujo-os mais do que eles, aliás, e os italianos, porque uso pouco garfos e colheres. Lamento que não se tenha adotado o hábito de trocá-los com cada prato como fazem os reis. O grande soldado Mário tornou-se, na velhice, muito requintado no seu modo de beber e só bebia em um copo especial de seu uso particular. Eu prefiro igualmente certa forma de copo e não bebo de bom grado em copo ordinário, bem como não gosto de ser servido por qualquer um. Os copos de metal não me apetezem, aprecio-os de matéria clara e transparente; meus olhos precisam participar do prazer do paladar. Outras delicadezas dessa ordem impôs-me o hábito, e a natureza prescreveu-me certos cuidados. Assim é que não posso comer mais de duas vezes por dia sem sobrecarregar o estômago, nem tampouco dispensar totalmente uma das refeições sem sentir os efeitos dos gases, a boca seca e os protestos do apetite. Fico incomodado quando me exponho longamente ao sereno; de alguns anos para cá quando, em circunstâncias de ordem militar, assim permaneço a noite inteira, já ao fim de cinco a seis horas meu estômago se ressentem, começam

as dores de cabeça e não chego à madrugada sem vomitar. E, quando os outros vão almoçar, deito-me recuperando em seguida a boa disposição habitual. Sempre ouvira dizer que o sereno só cai ao anoitecer, mas um fidalgo que freqüentei assiduamente e intimamente nestes últimos anos, convencido de que o sereno do crepúsculo é o mais pernicioso, evita-o nesse momento e não se incomoda com o da noite; e quase me levou a compartilhar não apenas de seu ponto de vista mas também de suas sensações. Assim, as próprias dúvidas e as pesquisas a que nos entregamos a fim de saber o que é certo e o que não o é, atuam sobre nossa imaginação e nos modificam! Os que cedem sem maior reflexão a suas inclinações, marcham para sua ruína; e conheço vários fidalgos que, pela estupidez de seus médicos, se viram forçados a uma existência reclusa embora sejam ainda jovens e fortes; é ainda preferível resfriar-se e pegar um defluxo a perder por falta de hábito os prazeres da vida normal. Triste ciência a que nos priva de nossas melhores horas! Apeguemo-nos com todas as nossas forças ao que possuímos; em geral nós nos enrijecemos obstinando-nos, e corrigimos nosso temperamento, como fez César que dominou a epilepsia à força de desprezá-la e de resistir-lhe. Devemos adotar as melhores regras, mas não nos submetemos a elas, salvo àquelas cuja observação é obrigatória e útil.

Reis e filósofos precisam diariamente esvaziar os intestinos; e também as mais belas damas. Aqueles cuja vida decorre sob as vistas do público precisam manter um certo decoro; a minha é obscura e gozo a vantagem de algumas liberdades naturais; demais sou soldado e gascão, um e outro algo indiscretos; posso pois dizer o que penso desse ato. É conveniente realizá-lo à noite, em horas certas; consegue-se pelo hábito e eu o consegui. Mas não deve ninguém escravizar-se a ele, ao envelhecer, a ponto de exigir local e assento especial, ou de se sentir inibido fora da hora normal. Entretanto, é muito justo que se procure ter limpeza e cuidado nesse mister; como em outros, mesmo em se tratando de coisas pouco limpas: o homem é por natureza um animal limpo e delicado. Entre todas as funções naturais, é essa a que menos me agrada ver interrompida. Sei de muitos militares que sofrem de desarranjo intestinal; o meu intestino e eu nunca faltamos ao encontro marcado, ao pular da cama, salvo em caso de doença ou de ocupação urgente.

Como dizia, não vejo melhor meio dos enfermos assegurarem sua cura do que o de continuarem a levar a vida a que estão acostu-

mados; qualquer mudança é prejudicial. Poderis por acaso admitir que as castanhas façam mal a um perigordino ou a um luquense? E que o leite e o queijo sejam nocivos a um montanhês? Proibindo-lhes esses alimentos, não somente mudareis o seu modo de vida mas ainda lhes imporeis uma regra perigosa, porque avessa a seus hábitos, pois nem mesmo um homem muda impunemente de dieta. Ordenai a um bretão de setenta anos que beba somente água; predei um marujo numa estufa; proibi a um criado basco de passear; vós os privareis de movimento, de ar e de luz: “Valerá a vida que se renuncie a viver para prolongá-la? Sim, pois não creio que se contem no número de vivos aqueles a quem tornamos insuportáveis o ar que respiram e a luz que os ilumina^{3 5 4}.” Se nenhum benefício nos oferecem os médicos, este, ao menos, se lhes há de atribuir: o de preparar os enfermos para a morte, solapando neles o uso do que lhes dá a vida.

São ou enfermo, satisfaço os meus apetites; respeito os meus desejos e as minhas inclinações; não gosto de curar o mal com o mal e detesto os remédios, mais importunos do que as doenças. Ter cólicas e ser forçado a não comer ostras são dois males em vez de um; a doença magoa-nos por um lado, a dieta por outro. E, se temos que enfrentar certos aborrecimentos, enfrentemo-los ao menos depois de atender ao prazer. Os homens vêm a realidade ao contrário: imaginam que só o que é desagradável pode ser útil; desconfiam do que é fácil. Meu apetite em muitas coisas acomodou-se felizmente à saúde de meu estômago; na mocidade os molhos picantes eram de meu agrado; com a idade meu estômago cansou, e o gosto também. O vinho é nocivo aos doentes, pois é a primeira coisa que recuso em tais casos. Tudo o que tomo é prejudicial se me repugna, e nada me faz mal quando tenho vontade. Nenhum ato inteiramente agradável jamais provocou algum prejuízo a meu organismo; daí ter feito, não raro, de meu prazer a minha receita.

Adolescente, “quando envolto em esplêndida túnica, Cupido dançava ao redor de mim^{3 5 5}”, prestei-me tão licenciosa e descuidadamente como qualquer outro ao prazer que me abraçava, “e conquistei alguma glória nessa militança^{3 5 6}”, mais pela persistência, entretanto, e duração do que pelo vigor. Pareceria milagre e infelicidade confessar a que ponto era jovem quando, pela primeira vez, me vi escravizado às suas leis. Foi um efeito do

acaso, pois não estava nem de longe na idade da razão e posso comparar o meu caso ao de Quartilla que não se lembrava de sua virgindade: “muito cedo tive pêlo nas axilas e minha barba precoce pasmou minha mãe^{3 5 7}.”

Os médicos adaptam, amiúde e com vantagem, suas regras à violência dos desejos dos enfermos, porque não há anseio, por estranho e pernicioso que seja, que a natureza não acomode em proveito nosso. Demais, que imensa satisfação a de atender à nossa fantasia! E isso, a meu ver, é o que mais importa. Os mais graves males e os mais comuns são os que nos vêm de imaginação; e o ditado espanhol, “defiendame Dios de mi”, parece-me simpático. Se, quando estou doente, tenho algum desejo, dificilmente a medicina me afastará dele; e o mesmo digo quando estou com saúde. Mas é doloroso que, em consequência da idade, me ache adstrito a apenas esperar.

Não é a arte da medicina tão absoluta que não encontremos em nós alguma razão para fazer o que queremos; muda segundo o clima e as fases da lua, segundo Fernel ou segundo Escalígero. Se vosso médico vos proíbe beber vinho ou comer tal prato, indicar-vos-ei outro de opinião contrária; a variedade das opiniões e argumentos em matéria de medicina assume todas as formas. Vi um coitado que, para sarar, se deixava atormentar pela sede a ponto de perder os sentidos e de quem zombava mais tarde outro médico, o qual condenava às prescrições de seu colega. Não faz muito morreu de cálculos um desses profissionais; para lutar contra seu mal, recorria a uma abstinência total. Dizem seus confrades que um tal jejum lhe fora prejudicial, porquanto o secara e lhe cozera a areia nos rins.

Verifiquei que quando estou doente ou machucado, falar me cansa e me prejudica tanto quanto uma loucura qualquer. Falo com dificuldade e sinto-me exausto porque o timbre de minha voz é alto e exige um esforço, tendo ocorrido que, ao falar ao ouvido de algum grande personagem de qualquer assunto importante, me pedisse o ouvinte para baixar a voz.

Eis uma anedota divertida: alguém numa escola grega falava alto como eu. Disse-lhe o professor que baixasse a voz: “que me dê o tom”, respondeu o rapaz advertido, ao que retorquiu o mestre sugerindo-lhe que o buscasse nos ouvidos daquele a quem se dirigisse. Estava certo, sob a condição de que com isso quisesse dizer: “fala segundo o que tens a tratar com quem te ouve”, pois se quisesse insi-

^{3 5 4} Pseudó Galo.

^{3 5 5} Horácio.

^{3 5 6} Id.

^{3 5 7} Marcial.

nuar: "basta que te ouça, regula assim a tua voz", não creio que tivesse razão. O tom da voz encerra uma parte da expressão, cumpre graduá-lo portanto. Há um tom para ensinar, outro para adular, outro para advertir. Não somente é preciso que a voz alcance o ouvinte, mas ainda que o fira e, por vezes, o traspasse. Seria inadmissível que um criado por mim repreendido em tom ríspido me viesse observar: "falai-me, senhor, mais baixo, que eu vos ouço perfeitamente". "Há um tipo de voz apropriado aos ouvidos, não pela sua magnitude e sim pela sua qualidade^{3 58}." Metade da palavra pertence a quem fala e metade a quem escuta, e este deve preparar-se para recebê-la como se preparam para receber a bola os jogadores de pelota, de acordo com a força e a direção do lance.

Ensinou-me ainda a experiência que nós nos perdemos por falta de paciência. Os males têm sua vida, com limites determinados, suas doenças e seu estado de saúde. A constituição das doenças é organizada da mesma maneira que a dos animais. Têm sua evolução, sua duração fixada já na origem; quem as tenta abreviar, impondo-lhes a sua vontade, prolonga-as e as multiplica, excita-as em lugar de apaziguá-las. Sou da opinião de Crantor: não há como contrariar os males com obstinação, nem deixar que nos dominem por falta de energia de nossa parte; cabe ceder naturalmente, de acordo com sua condição e a nossa. Deve-se dar passagem às doenças, e creio que não se detêm em mim porque não as molesto; livre-me de algumas que passavam por tenazes; desgastaram-se sozinhas, sem que a arte interviesse e mesmo em me opondo às regras da medicina. Deixemos que a natureza aja por si; ela entende melhor do que nós de seus negócios. "Mas fulano morreu", dirão. É verdade, e vós também morrereis; se não dessa doença, de outra. Quantos igualmente não escaparam com três médicos à cabeceira! O exemplo é um espelho em que tudo se reflete vagamente e sob todos os seus aspectos. Se o remédio que vos oferecem é agradável, aceitai-o. Nada perdereis com isso. Eu não atentarei sequer para o nome e a cor, se for apetitoso, porquanto o prazer constitui uma das principais formas do proveito. Deixei que envelhecessem e morressem por si os defluxos, as crises de gota, os desarranjos, as palpitações, as enxaquecas e outros acidentes, os quais me abandonaram quando já me ia resignando à sua companhia; melhor se conjuram com cortesia do que com bravatas. É preciso suportar com paciência as leis inerentes à

^{3 58} Quintiliano.

nossa condição; somos feitos para envelhecer, enfraquecer, adoecer a despeito dos remédios. É a primeira lição que os mexicanos dão a seus filhos quando, ao saírem do ventre materno, os acolhem dizendo: "Filho, vieste ao mundo para sofrer; sofre, pois, suporta e cala." É injusto queixar-se do que pode ocorrer a todos: "Queixa-te, mas só se aplicarem unicamente a ti uma lei injusta^{3 59}."

Não é uma loucura um velho pedir a Deus que lhe mantenha intata a saúde e inteiro o vigor? Seria devolver-lhe a juventude, o que não lhe permite sua condição de velho. "Insensato! por que, em tuas preces pueris, pedir coisas irrealizáveis^{3 60}!"

A gota, os cálculos, a indigestão são inerentes à idade, como o calor, as chuvas, os ventos comuns às longas viagens. Platão não crê que Esculápio devesse, com suas prescrições, fazer durar um corpo gasto e caduco, inútil ao país e à profissão, inapto à fecundação robusta e sadia. Não acha que semelhante papel possa convir à justiça divina e à divina prudência, as quais tudo devem conduzir a um fim útil. "O mais que se pode fazer por ti, homem, é reemendar-te, enfeitar-te um pouco e prorrogar de algumas horas tuas misérias, como faz quem, para sustentar um edifício, coloca algumas estacas no ponto que ameaça desabar; mas um dia todo o conjunto se rompe e as estacas são enterradas sob os escombros^{3 61}."

É necessário aprender a sofrer o que não há como evitar. Nossa vida, como a harmonia dos mundos, é composta de elementos contrários e tons variados: doces e estridentes, agudos e surdos, frágeis e graves; que partido deles tiraria o músico que gostasse de uns e renegasse os outros? Cumpre-lhe empregá-los todos e misturados. Assim devemos fazer com os bens e os males que são parte integrante de nossa vida; nosso ser só é possível com essa mistura. Tentar reagir contra essa necessidade, é renovar o ato de loucura de Otesifonte que empreendera lutar a pontapés com seu jumento.

Mesmo quando sinto que a saúde se altera, consulto raramente os médicos porque são indivíduos que, quando nos têm nas mãos, nos enchem a cabeça com seus prognósticos. Vendo-me outrora abatido pela doença, esmagaram-me ultrajosamente com sua ciência e suas atitudes, ameaçando-me com dores violentas e até com a morte próxima. Isso não me desmoralizou mas irritou-me e magoou-me; e embora não se conturbasse o meu espírito, sentia-me

^{3 59} Sêneca.

^{3 60} Ovídio.

^{3 61} Pseudo Galo.

algo incomodado; e a discussão provoca agitação.

Sou todo cuidados com minha imaginação; se pudesse evitar-lhe-ia todo trabalho e pena. É preciso auxiliá-la, lisonjeá-la, enganá-la mesmo se possível. É tarefa de que meu espírito entende e se soubesse persuadir como argumenta prestar-me-ia grande serviço. Que-reis um exemplo? Eis o que me diz: “Esses cálculos são um bem para mim, já que todo edifício da minha idade tem suas goteiras. É a lei, e fora injusto que em relação à minha pessoa algum milagre ocorresse. Com isso pago o tributo devido à velhice e não me parece possível pagar menos. Devo consolar-me pensando que o acidente é dos mais vulgares nos homens de meu tempo. Por toda parte vê-se gente com essa doença, a qual sói atingir de preferência os grandes personagens, sendo portanto essencialmente nobre e digna. Entre os enfermos dessa doença poucos a suportam tão bem como eu, e mesmo assim à custa de drogas, ao passo que a sorte me tem permitido continuar a viver mediante umas tantas infusões de uso doméstico que algumas senhoras me fizeram beber e que tomei por considerar que não me podiam prejudicar. Os outros doentes precisavam fazer promessas a Esculápio e pagar visitas de seus médicos a fim de expelir um pouco de areia, o que tenho conseguido naturalmente. A decência de minha conduta não se ressentiu da enfermidade, pois posso passar dez horas sem urinar, como qualquer pessoa sã. O mal assustava-me antes de eu o conhecer; os gritos e lamentos dos que o exageram por falta de resignação faziam que o temesse muito. E mais ainda, é um mal que nos castiga onde mais pecamos.” E acrescenta o espírito: “Se tens consciência encara o castigo como doce e paternal em comparação com outros”: — “o mal que não se mereceu é o único de que se tem o direito de queixar^{3 62}.” “Pensa como te chegou tarde a descarga, no momento em que tua vida já se tornou vã e estéril; ela substituiu os prazeres e as licenciosidades adolescentes. Tiras certa vaidade do receio e da piedade que a doença inspira, é um defeito de que imaginas ter-te curado mas que teus amigos ainda percebem em ti. E é agradável ouvir dizer: que energia, que paciência! Vêem-te suar, empalidecer, tremer, vomitar sangue, verter lágrimas, expelir urinas espessas e escuras ou deixar de urinar porque um cálculo cruelmente se incrustou na uretra. Não obstante conversas com os presentes como de costume, gracejas, desmentindo as dores com tuas palavras, e superando

o sofrimento. Não te recordas dessa gente de outrora que buscava a dor para exercitar a virtude, e despertá-la? Pois a natureza dá essa oportunidade que voluntariamente não houveras procurado. E se me disseres que se trata de uma doença perigosa e mortal, eu te responderei que todas o são, pois trapaceia a medicina quando te afirma que algumas não levam diretamente à morte. Que importa o caminho seguido, se é reto ou ziguezagueante! Não morres porque estás doente e sim porque estás vivo; a morte não precisa da doença para matar. Em alguns casos esta afastou a morte e viveram mais tempo os doentes porque lhes pareceu que estavam sempre por morrer. As doenças assemelham-se aos ferimentos: são por vezes salutares. A cólica, não raro, dura tanto quanto o homem; há quem a suporte desde a infância até a decrepitude. E ainda que fosse um indício de morte, não te presta serviço forçando-te a meditar sobre o momento fatal? Finalmente — e é o pior — nada pode curar-te. Considera com que arte e quão suavemente a enfermidade te arrasta ao desprezo pela vida e te afasta do mundo, não com violência e tirania (como outros males comuns aos velhos e que os entravam em meio a mil tormentos), mas através de advertências e ensinamentos, repetidos com intervalos de bom repouso, a fim de que possas meditar comodamente, e aprender. Para dar-te o meio de bem julgar e de tomar o partido dos homens de caráter, apresenta-te a situação tal qual é, e em um mesmo dia te oferece uma vida ora alegre, ora insuportável. Se não abraças a morte, não deixas, ao menos uma vez por mês, de tocar-lhe a mão, o que te dá a esperança de ser um dia arrastado sem aviso prévio. Tantas vezes serás conduzido ao porto que, confiante, atravessarás inopinadamente o mar, sem o perceberes. Não há como queixar-se das doenças que partilham lealmente o tempo com a saúde.”

Sou grato à sorte por me assaltar tão freqüentemente com as mesmas armas; molda-me assim e me educa, e fortalece-me. E hoje sei com bastante exatidão em que estado me encontro. Falho de memória, apelo para o papel; qualquer sintoma novo é logo anotado, de modo que, tendo já conhecido quase todos os casos que podem ocorrer, diante de uma dúvida consulto essas notas e nunca deixo de deparar na experiência do passado com algum prognóstico favorável. O hábito leva-me a esperar um melhor futuro, pois é de crer que a natureza não modificará o que há tanto tempo vem fazendo, nem produzirá acidentes mais graves. Demais os efeitos dessa enfermidade

não perturbam meu temperamento vivo e impaciente. Temo as crises pouco intensas porque se prolongam; mas, quando são violentas, atormentam-me um dia ou dois apenas. Meus rins ficaram quarenta anos sossegados; há quatorze tudo mudou. Temos nossos períodos de doença como nossos períodos de saúde, e talvez a minha enfermidade esteja chegando ao fim. A idade atenuou o calor de meu estômago; menos bem feita a digestão, os alimentos alcançam os rins menos elaborados. Pode também acontecer que em dado momento se debilite igualmente o calor de meus rins e que, não produzindo mais secreções arenosas, tenha a natureza de inventar outro modo de evacuação. Os anos acabaram com meus defluxos; por que não acabariam também com esses cálculos?

Nada me parece mais delicioso do que o que sinto quando, depois de expelir um cálculo, recupero de imediato a saúde, inteira e perfeita. Haverá na dor experimentada algo comparável ao prazer da repentina melhora? Muito mais bela é a saúde depois da enfermidade, e segue-a tão de perto que posso distingui-las ambas, na sua luta encarniçada. Dizem os estoicos que os vícios são úteis porque valorizam a virtude; com maior razão pode-se dizer que a natureza nos deu o sofrimento a fim de realçar a excelência do prazer e da tranqüilidade. Quando lhe tiraram os ferros, sentiu Sócrates a sensação agradável de se libertar do entorpecimento que o peso causara às pernas e constatou então a estreita ligação existente entre o sofrimento e a volúpia, tão intimamente associados que se sucedem e se engendram reciprocamente. E o filósofo acrescentou que Esopo devia ter-se aproveitado do tema para uma fábula.

O que há de pior nas outras enfermidades está em que não são tão graves em seus efeitos quanto em seu desenlace; leva-se por vezes um ano para recuperar a saúde e, nesse ínterim, vive-se em constante sobressalto e penoso estado de fraqueza. Há tantas etapas a percorrer, que mal se pensa em chegar. Antes que nos retirem os curativos, que nos desembarassem do boné, nos permitam tomar ar, beber vinho, comer melão e ver nossa mulher, corre tanto tempo que é em verdade um milagre não termos alguma recaída. Meu mal comporta essa vantagem de desaparecer de repente, enquanto os outros nos deixam sempre vestígios e perturbações suscetíveis de facilitar o aparecimento de nova moléstia. Menos graves são as doenças que se contentam com possuir-nos sem nos entregar a outras, e graciosas são aquelas que acarretam alguma consequência

útil. Desde que fiquei com esses cálculos, parece-me que me tornei, mais do que antes, refratário a diversos males, como as febres, por exemplo. Deduzo disso que os vômitos violentos e freqüentes me purgam e que as repugnâncias que sinto, e os jejuns, dissolvem meus humores malignos e a natureza despeja nessas areias o que tem de supérfluo e nocivo. Não me venham alegar que o remédio é caro, pois que diríamos então de tantos xaropes hediondos, cautérios e incisões, suores e dietas e outros tratamentos que amiúde provocam a morte pela sua violência e sua inoportunidade? Julgo minhas crises como remédios em atuação e fora delas considero-me completamente bom.

Citarei outra vantagem particular de minha doença. Age sem me impedir de agir; uma vez terminada a crise, ainda que extremamente aguda, posso andar dez horas a cavalo. Todo o regime consiste em suportar a dor; quanto ao resto, jogai, ceai, fazei isto ou aquilo se puderdes. Vossos desmandos vos serão úteis até. Já não se dirá o mesmo da gota, da varíola, da hérnia. As outras enfermidades impõem-nos obrigações de toda sorte, entram nossa atividade, desequilibram nosso organismo; e seus efeitos perseguem-nos o resto da vida. A minha belisca-me apenas a pele, não toca na inteligência, nem na vontade, nem na língua, nos pés ou nas mãos; excita-nos mais do que nos entorpece. A febre atinge a alma; a epilepsia esmaga-a; uma enxaqueca redu-la à impotência; em suma, é ela influenciada por todas as moléstias que atuam sobre nosso ser e em particular sobre as partes mais nobres. No meu caso a alma não é perturbada e se porventura sofre cabe-lhe a culpa. Traiu-se a si própria, fraquejou. Somente um louco pode acreditar que esses corpos duros e maciços que se formam nos rins se dissolvem com beberagens; quando se põem em movimento não resta senão deixá-los passar, mesmo porque abrirão caminho à força se preciso.

Ainda encontro em minha moléstia uma comodidade especial: é um mal que não nos dá muitos motivos de dúvida, ao passo que os restantes nos encham de incerteza acerca de suas causas, condições e progressos, o que é infinitamente penoso. Eu não sei que fazer de médicos; o que sinto já revela em que consiste e onde se localiza.

Com esses argumentos, uns fortes, outros frágeis, e agindo como Cícero agia no combate à velhice, essa outra enfermidade, procuro adormecer e distrair a imaginação, tento pensar as chagas. Se porventura vierem a agravar-se, verei outras escapatórias. Em verdade,

de uns tempos para cá, os mais ligeiros movimentos fazem que urine sangue puro; por que razão? Isso não me impede entretanto de ir e vir como antes, de acompanhar meus cães à caça com um ardor juvenil; esse grave acidente não me causa senão um entorpecimento passageiro e alguma irritação na parte do corpo em que se situa o cálculo. Essa recrudescência da doença deve provir de um cálculo grande que me comprime os rins e se forma a expensas desse órgão, o qual assim se esvai aos poucos — e com ele minha vida — não sem que eu sinta um pequeno alívio, como quem expila uma coisa incômoda e supérflua. Quando vejo que vou piorando, não procuro verificar o pulso nem analisar a urina, a fim de não submeter-me a providências aborrecidas; basta o que sofro, não é necessário ampliar meus sofrimentos. Quem teme sofrer, sofre mais do que receia. Digamos ainda que a dúvida e a ignorância dos que procuram explicar as molas internas dos fatos e os prognósticos não raro errôneos que emitem, devem convencer-nos de que os recursos infinitos da natureza são totalmente desconhecidos; a maior incerteza, a maior diversidade, a maior obscuridade reinam no que podemos esperar ou recelar dela. Salvo a velhice, que é sinal inegável da aproximação da morte, não deparo nos demais acidentes com nenhuma indicação em que nos seja permitido assentar uma idéia qualquer acerca do futuro. Julgo-me pelo que sinto realmente e não pelo raciocínio; de que serviria agir de outro modo, se ao mal somente posso opor a paciência e a resignação? Que-reis saber o que ganho seguindo essa linha de conduta? Vede os que fazem o contrário, e buscam opiniões e conselhos, quanto padecem pela imaginação atribulada sem que entretanto sua apreensões se justifiquem. Mais de uma vez diverti-me, nos momentos de sossego, em me entreter com os médicos acerca do acidente que eu dizia aguardar. Estava assim à vontade para ouvir seus horríveis prognósticos; tanto mais agradecia a Deus e tanto mais me convencida da inanidade de uma tal arte.

Nada se deve recomendar mais à juventude do que a atividade e a vigilância; a vida é movimento. Sou tarde em tudo, custo a levantar-me, a deitar-me, a comer; para mim, sete horas é cedo, e onde tenho liberdade não almoço antes das onze e só janto depois das seis. Outrora atribuía minhas febres e enfermidades a um excesso de sono e sempre lamentei tornar a dormir pela manhã. Platão é de parecer que o excesso de sono é mais prejudicial do que o excesso de bebida. Gosto de dormir em cama dura, só, como os reis, e bem coberto. Nunca

aquecem meu leito, porém agora que estou velho, quando necessário, cubro o estômago e os pés com panos quentes. Acusavam Cipião, o Grande, de dorminhoco, mas penso que os invejosos não acharam o que lhe censurar e encontraram isso. Se alguma coisa se me afigura dever ser requintada, estará ela no leito, mas nisso, como no resto, sei acomodar-me às circunstâncias. Dormir foi e continua sendo a grande ocupação de minha vida. Na idade a que cheguei, durmo ainda de oito a nove horas de enfiada. Quando é preciso, liberto-me dessa propensão para a preguiça e dou-me visivelmente bem; a mudança é-me penosa, mas durante dois ou três dias tão-somente. Não sei de muita gente que seja mais frugal e simples do que eu quando o exigem as circunstâncias, nem que se exercitem mais e achem menos duras as atividades militares. Meu corpo é capaz de suportar durante muito tempo uma vida agitada, mas não se adapta a uma agitação veemente e repentina. Evito porém agora os exercícios violentos suscetíveis de me fazer transpirar; meus membros cansam antes de se aquecerem os músculos. Fico sem dificuldade em pé durante um dia inteiro, e passear nunca me entedia; mas não gosto de andar nas cidades senão a cavalo e isso desde a infância, pois quando ando a pé, emporcalho-me até a espinha e as pessoas de pequena estatura, como eu, correm o risco de ser permanentemente empurradas e atropeladas. Tanto estendido como sentado, agrada-me ter sempre as pernas à altura do assento ou mais alto.

Não existe atividade mais agradável do que a militar; nobre em sua prática (pois a maior, mais bela e generosa virtude é a coragem), essa atividade é igualmente nobre em seus fins, porquanto nada é mais justo e útil do que proteger a tranqüilidade e a grandeza do país. É grata a companhia de tantos fidalgos jovens e ágeis; admirável a contemplação habitual de espetáculos trágicos; atraente a conversação livre e sem artificios, bem como o gênero de vida varonil e sem cerimônias, a belicosa harmonia das músicas que estimulam e entretêm a alma e os ouvidos, a honra que esse exercício nos outorga, e até as dificuldades e os maus momentos que comporta. Platão no entanto a desprezava a ponto de sugerir que as mulheres e crianças tomassem parte nas guerras. Tudo isso incita a feitos e proezas particulares e voluntários, segundo a importância e o brilho que se colocam ao nosso alcance. E mesmo se nos ocorre morrer pela causa que abraçamos,

casos, já com um odor alterado. Só não suportar que sejam duras; quanto ao resto, sou indiferente à maneira por que são preparadas. Daí ocorrer-me, ao contrário dos outros, achar não raro o peixe fresco e consistente demais. E não é porque tenha maus dentes; sempre foram muito bons e só agora a idade começa a ameaçá-los. Desde criança habituei-me a esfregá-los com um guardanapo pela manhã e no começo e no fim das refeições.

Deus dá essa mercê dos dentes se estragarem com a idade àqueles que ele afasta aos poucos da vida; é a única vantagem da velhice, pois então a morte já não mata senão metade do homem. Um de meus dentes acaba de cair, sem dor, sem esforço; chegou ao fim de sua vida. Essa parte de meu ser — e outras mais — estão mortas. Outras — e das mais ativas na mocidade — começam a morrer. Assim me dissolvo e vou-me subtraindo a mim mesmo. Não seria tolo sentir a dor dessa lenta decadência como se viesse repentinamente? Espero que tal não me aconteça. Em verdade, consola-me bastante pensar que minha morte será justa e natural, e espero que o destino não me enganará! Os homens são levados a imaginar que outrora sua vida era mais longa e sua estatura maior; enganam-se porém, porque Sólon, que pertence à antiguidade, fixa em setenta anos o extremo limite da existência. Eu que tanto admirei a “excelente mediocridade” dos tempos idos, e que vislumbrei na justa medida e na boa média a perfeição, poderei aspirar a uma velhice prolongada e excepcional? Tudo que contraria a ordem natural das coisas pode ser nocivo e tudo que obedece a suas leis deve ser útil: “É bom tudo o que se faz naturalmente”³⁷². Por isso Platão considera morte violenta toda aquela decorrente de ferimentos ou enfermidades, e natural a morte a que nos conduz a velhice da maneira mais suave e por assim dizer deleitosa. “Morrem os moços de morte violenta e os velhos de amadurecimento”³⁷³. Em tudo e por toda parte a morte mistura-se à vida; o declínio lembra a hora fatal e acentua-se na medida em que o fim se aproxima. Posso retratos com as idades de vinte e cinco e trinta e cinco anos. Ocorre-me compará-los aos de hoje; por certo não mostram a mesma pessoa, minha fisionomia atual difere muito mais das precedentes do que da que terei ao morrer. É abusar demasiado da natureza atormentá-la de antemão com cuidados que a obriguem a abandonar-nos; cansa-se de ver-nos entregar a direção de nós mesmos, de nossos olhos, nossos dentes, nossas pernas e o

resto a estranhos, confiando-nos inteiramente à arte.

Não sou grande amador de saladas e frutas, salvo melões. Meu pai não apreciava nenhum molho; eu gosto de todos. Comer demais incomoda-me, mas não pude ainda verificar com exatidão se algum prato me é prejudicial, como não constatei tampouco se a lua cheia ou minguante, o outono ou a primavera, influem em mim. Os rabanetes, por exemplo, durante muito tempo não me foram nocivos, mais tarde fizeram-me mal e agora não mais me perturbam. A muitos respeitos sinto que meu estômago se está modificando; do vinho branco passei ao clarete e eis-me voltando ao branco.

Adoro o peixe e os dias de magro são para mim dias de regalo, como os de festa me parecem de jejum. Creio (há quem o diga) que se digere mais facilmente do que a carne. E assim como evito comer carne nos dias em que o peixe é obrigatório, evito misturar carne com peixe nos demais dias, pois acho que há entre ambos uma diferença excessiva.

Na minha mocidade aconteceu-me suprimir uma refeição para ter melhor apetite no dia seguinte e assim aumentar o meu prazer com a abundância, agindo desse modo ao contrário de Epicuro, que jejuava para se acostumar a prescindir dessa volúpia. Mas eu também, por vezes, deixava de comer para me conservar bem disposto em vista de algum trabalho do corpo ou do espírito, os quais se tornam incrivelmente preguiçosos quando me alimento bem. Demais, detesto esse casamento da alegre deusa³⁷⁴ com o deusinho da gula, indigesto, arrotador e recendendo a licores. Igualmente abster-me de comer, não raro, por andar com estômago cansado ou quando não tinha companhia agradável, pois digo, como esse mesmo Epicuro, que, mais do que aquilo que se come, se deve olhar com quem se come. E admiro Quílon por não ter prometido ir a um banquete organizado por Periandro antes de saber quais eram os convivas. Não há para mim tempero ou molho que valham uma boa companhia. Acho que é mais saudável comer devagar, pouco e amiudadamente; gosto entretanto de satisfazer meu apetite e nenhum prazer experimental em seguir os preceitos médicos de três ou quatro refeições mesquinhas. Sei lá se o apetite da manhã durará até a noite? Aproveitemos a oportunidade, principalmente nós os velhos, e deixemos aos fazedores de almanaques as esperanças e os prognósticos. O fruto essencial da saúde está nos prazeres que nos

³⁷² Cícero.

³⁷³ Id.

³⁷⁴ Vênus.

oferece; fiquemos pois com o primeiro que surja e que nos seja conhecido. Evito ater-me demasiado longamente à mesma dieta; para que nos seja benéfica não a devemos seguir indefinidamente, sem o que nos calejamos, o organismo perde algo de sua atividade, habituava-se à rotina, nossas forças definham e não mais poderemos mudar sem inconvenientes.

Tanto no inverno como no verão uso simplesmente meias de seda. Por causa dos resfriados, consenti em cobrir a cabeça e, em razão das dores, a manter o ventre bem agasalhado. Em poucos dias essas indisposições se acostumaram, desdenhando minhas precauções. Tinha passado do boné ao gorro e deste a um chapéu forrado; hoje as peles de meu gibão servem apenas de enfeite e tudo isso não adianta se não acrescento um colete de lebre e um barrete. Nesse pé onde iremos parar? Nada mais farei e desistiria do que já fiz se me atrevesse. Assim ocorre com quem se enterra em dietas e regimes especiais a que obedecem supersticiosamente. Sempre mais e mais ainda: é um nunca acabar.

Em relação às ocupações e aos prazeres, melhor seria não almoçar como os antigos, e fazer uma refeição copiosa na hora do repouso, ao fim do dia. É o que fazia outrora. Do ponto de vista da saúde, ensinou-me a experiência que, ao contrário, devemos conservar o almoço, pois a digestão é melhor quando estamos acordados. Não sinto muita sede nem mesmo quando enfermo; neste caso tenho a boca seca, mas não é de sede, e em geral só bebo comendo, e só sinto vontade de líquido quase ao fim da refeição. Bebo copiosamente para alguém que nada tem de particular; no verão, no decurso de uma refeição apetitosa, ultrapasso a medida de Augusto, o qual só bebia três vezes, a fim de não parar em quatro, número que Demócrito considerava azarado. Eu vou até cinco, se preciso, o que corresponde a pouco mais de meio litro, pois uso copos pequenos que esvazio de uma vez, coisa que os outros não fazem por não julgar de boa educação. Corto o vinho com água, metade ou um terço, e, seguindo um conselho dado a meu pai, a mistura é feita na copa três ou quatro horas antes de ser servida. Dizem que esse costume de misturar a água ao vinho remonta a Cranau, rei de Atenas; quanto às vantagens são discutíveis. Acho mais conveniente e saudável para as crianças, só lhes servir vinho após os dezesseis ou dezoito anos; antes, deveriam beber unicamente água. O modo de vida preferível é o mais comum; toda singularidade deve ser evitada e parece-me tão errado um alemão que mistura água ao vinho como um

francês que o bebe puro. O uso é lei nessas coisas.

Sou avesso ao ar carregado e detesto a fumaça; a primeira reforma que me apressei em executar foi a das lareiras e privadas que deixam muito a desejar nas antigas construções; e entre as incomodidades da guerra figuram essas espessas nuvens de poeira dentro das quais, nos dias de calor, somos obrigados a permanecer. Respiro com desenvoltura e as mais das vezes, quando pego algum resfriado, meus pulmões não são atingidos nem tenho tosse.

O rigor do verão é-me mais insuportável que o do inverno, pois além do calor contra o qual nos defendemos menos bem do que contra o frio, e além dos raios de sol sobre a cabeça, meus olhos sofrem com a luz; atualmente já não posso sequer comer diante de um fogo da lareira.

Quando há mais do que hoje, a fim de amortecer a brancura do papel, cobria o livro com um pedaço de vidro. Até agora não uso óculos e vejo muito bem; é certo entretanto que, ao fim do dia, já sinto, ao ler, alguma perturbação e cansaço; mas o trabalho, principalmente à noite, sempre me cansou a vista. É um passo atrás. Outro logo darei, e mais outro, e outro, e assim estarei cego antes de sentir a fraqueza da vista, tal o cuidado com que as Parcas desfiam a trama de nossa vida. Quando começar a pensar que me vai endurecendo o ouvido, estarei meio surdo e atribuirei a culpa de não ouvir a quem me fale. Muito há que fustigar a alma para que sinta como se esvai aos poucos.

Tenho o andar vivo e firme e não sei o que sou mais capaz de sustar em um dado ponto, se o corpo ou o espírito. Muito meu amigo terá de ser o predicador, para que eu o escute durante o tempo todo de seu sermão. Nas cerimônias em que cumpre manter certa postura e as próprias senhoras evitam olhar ao sabor de sua fantasia, nunca pude conseguir que alguma coisa em mim não destoasse; ainda que sentado não fico calmo. A criada de Crisipo dizia que o filósofo bebia com pessoas que eram sujeitas à ação do vinho e que somente ele nada sentia; e que suas pernas se embriagavam porque as mexia sem cessar, em qualquer posição que estivessem. De mim também diziam na infância, que tinha mercúrio nos pés, a tal ponto sou impelido a mexer-me e agitar-me onde quer que me encontre.

Como com voracidade, o que não é decente e prejudica a saúde e até o prazer. Na pressa chego a morder a língua e por vezes os dedos. Diógenes, vendo uma criança que comia desse modo, deu um tabefe no preceptor. Havia em

Roma quem ensinasse a mastigar como há quem nos habitue a andar com graça. Por isso não me sobra muito tempo para falar, o que constitui um dos maiores prazeres da mesa, sempre que se trate de assuntos agradáveis e curtos.

Nossos deleites invejam-se mutuamente e lutam entre si, chocam-se e se contrariam reciprocamente. Alcibiades, que entendia de comer, baniu a própria música das refeições, a fim de que não perturbasse a doçura das conversações, acrescentando (segundo Platão) que "convidar músicos e cantores para seus festins era costume de gente vulgar, que não sabe entreter-se de maneira útil e agradável". Varro julga que para um bom banquete é preciso gente gentil, nem muda nem por demais falante, comida delicada, serviço conveniente e bom tempo. Não era outrora festa de pouca arte e volúpia um festim, e nunca a desdenharam os grandes filósofos e os grandes capitães. Conservo a lembrança de três refeições desse genero que me foram muitíssimo agradáveis; doravante essas festas não estão mais ao meu alcance, dado o meu estado de saúde. Eu que nunca alço vôo, detesto essa sabedoria antinatural que procura fazer com que desprezemos o corpo; é tão absurdo repelir os prazeres que a natureza nos oferece como se apegar demasiado a eles. Xerxes, que podia ter todas as volúpias, foi bem néscio em prometer uma recompensa a quem descobrisse um novo prazer; não o é menos porém quem se priva dos prazeres da natureza. Não devemos correr-lhes atrás, nem tampouco fugir-lhes; precisamos aceitá-los. Prezo-os mais agora do que no ano passado e deixo-me seduzir de bom grado. Não há como exagerar sua inabilidade, já que esta se faz sentir suficientemente graças a nosso espírito mesquinho, o qual nos induz a aborrecê-los, e a si mesmo, pois trata tudo o que acolhe ora de um jeito, ora de outro, segundo sua versatilidade: "Em um vasilhame impuro tudo se corrompe^{3 7 5}." Aplicando-me a analisar de perto as vantagens específicas da vida, não encontro nelas senão vento. Como se espantar? Haverá em nós outra coisa? Entretanto, mais sábio do que nós, o vento compraz-se em se agitar e mover, contentando-se com seu próprio officio, sem desejar a estabilidade e a solidez que não são qualidades suas.

Dizem alguns que os prazeres e dissabores da imaginação são os maiores, como o assinalava a balança de Critolau. Não é de estranhar: nosso espírito forma-os ao sabor de sua fantasia; sei de exemplos insignes e desejáveis.

^{3 7 5} Horácio.

Mas eu, homem de gosto pouco requintado, não posso ventilar tão singelo tema sem deixar de inclinar-me fortemente para os prazeres presentes da lei humana e geral, intelectualmente sensíveis e sensivelmente intelectuais. Querem os filósofos cirenaicos que, assim como as dores, os prazeres físicos sejam os mais poderosos, e mais justos. Há pessoas de uma estupidez feroz, diz Aristóteles, que deles se afastam; e eu conheço algumas que o fazem por ambição. Por que não renunciam também a respirar? Por que não recusam a luz, que é gratuita e não lhes custa invenção ou esforço? Por que não trocam Vênus, Ceres e Baco por Marte, Palas e Mercúrio? Andarão à descoberta da quadratura do círculo, de cima de suas mulheres? Não gosto que nos recomendem elevarmos o espírito às nuvens quando estamos à mesa; não quero que o espírito chafurde no prazer, mas que participe dele; que não durma à mesa, mas sente-se. Aristipo cuidava do corpo, como se não tivéssemos alma; Zenão só considerava a alma, como se não tivéssemos corpo. Ambos erravam. A filosofia de Pitágoras era, dizem, toda contemplativa; a de Sócrates tinha unicamente por objeto os costumes e os atos; e Platão situa-se entre os dois. A medida exata foi-nos dada por Sócrates; Platão inclina-se mais para ele do que para Pitágoras. Quando danço, danço; quando durmo, durmo; e mesmo quando passeio por um belo bosque, se porventura meus pensamentos se dirigem para coisas estranhas, forço-os a voltarem-se para o bosque, a solidão.

A boa mãe natureza fez que os atos que somos instigados a praticar, para satisfazer às nossas necessidades, nos dessem igualmente prazer. Incita-nos não somente pela razão mas ainda pelo desejo, e é um erro ir de encontro a suas regras. Quando vejo César e Alexandre em seus momentos mais árdus gozar tão plenamente os prazeres humanos e físicos, não considero que sua alma se haja amolecido; acho que a fortaleciam subordinando suas ocupações e seus laboriosos pensamentos às práticas da vida cotidiana. E sábios terão sido se a estas encararam como normais em sua existência, e àquelas como excepcionais. Somos insensatos. Dizemos: "Passou a vida na ociosidade", ou "nada fiz hoje". Não vives-tes então? Pois essa é a ocupação mais fundamental e ilustre. "Se ao menos", direis "houvesse dirigido grandes empresas, teria mostrado minha capacidade." Não sobrestes então dirigir a vossa vida? Tereis nesse caso cumprido a mais bela das tarefas. Para se manifestar e frutificar, a natureza não precisa da fortuna; sua ação se exerce em todas as condições sociais: às ocultas como a desco-

berto. Se soubestes controlar vossos costumes, fizestes muito mais do que quem escreveu livros; sabendo como e quando vos repousardes, agistes mais sabiamente do que se houvésseis conquistado cidades e impérios.

A mais admirável obra-prima do homem consiste em viver com acerto. Em outras palavras, a fazer cada coisa em seu devido tempo. Tudo mais — reinar, juntar, edificar — não passa de acessório, de minúcia. Admira-me ver um general, às vésperas do assalto, libertar-se de quaisquer preocupações e conversar com seus amigos; ver Bruto, com céus e terra conspirando contra ele e a liberdade romana, sonegar algumas horas da noite aos cuidados que tem para com seus homens a fim de, tranquilamente, ler e anotar Políbio. Só as almas sem envergadura, esmagadas pelos negócios, não sabem libertar-se, esquecer-los e voltar a eles quando necessário: “Bravos companheiros que tantas vezes partilhastes comigo os mais duros momentos, afoguemos hoje nossas preocupações em vinho; amanhã voltaremos a percorrer os vastos mares³⁷⁶.”

Por mofa ou a sério, o vinho teológico e sorbônico³⁷⁷ tornou-se proverbial; e assim também os festins da universidade. Pois acho razoável que comam confortável e agradavelmente os que empregaram a manhã nas atividades da escola. A consciência de ter gasto honestamente o resto de seu tempo constitui um justo e saboroso condimento aos que passam à mesa. Assim viviam os sábios. E essa inimitável e contínua propensão para a virtude, que nos impressiona nos dois Catões, esse humor severo a ponto de se tornar importuno, sem dificuldade se submetem às leis que regem a natureza humana, às de Vênus e Baco como às outras, e eles de bom grado as observaram, obedecendo aos preceitos de sua seita, a qual determinava que para ser perfeito devia o sábio ser perito no desempenho dos prazeres naturais: “Que tenha o paladar delicado tanto quanto o juízo³⁷⁸.” A distração e o amor à vida honram, a meu ver, uma alma forte e generosa. Epaminondas não pensava que dançar e cantar, e participar das festas da cidade fossem atos indignos de suas vitórias. Entre muitos traços admiráveis da vida do primeiro Cipião, tão notável que diziam descender dos deuses, nenhum lhe dá maior encanto do que o de passear à beira-mar em companhia de Lélío, brincando, colhendo conchas, apostando corridas; e, quando fazia mau tempo, escrevendo comédias em que esboçava os cos-

tumes das classes mais baixas. E quando arquitetava seus planos de guerra contra Aníbal, não deixava de visitar as escolas da Sicília assistindo às aulas dos filósofos, a ponto de despertar a inveja de seus adversários em Roma. Haverá coisa mais extraordinária em Sócrates do que aprender a dançar e a tocar depois de velho? Pois esse mesmo homem foi visto passar um dia inteiro de pé, em êxtase, diante do exército grego, mergulhado em profunda meditação, o que não o impediu de ser o primeiro a precipitar-se ao socorro de Alcibíades, rodeado de inimigos, cobrindo-o com seu corpo e libertando-o pelas armas. Em outra batalha salvou Xenofonte que caíra do cavalo. E foi também o único em Atenas, indignada como ele ante tão odioso espetáculo, a tentar arrancar Terâmenes das mãos dos trinta tiranos que o haviam condenado à morte, só renunciando, com os dois companheiros que afinal arranjara, a instâncias da própria vítima. Solicitado por uma beldade de quem se enamorara e que por ele igualmente se apaixonara, atém-se à mais estrita abstinência. Amiúde, na guerra, marcha descalço, mesmo sobre o gelo, usa uma só roupa no inverno como no verão e supera a todos pela paciência com que suporta as fadigas. Quando assiste a um banquete, come como de costume. Durante vinte e sete anos, sem que seu rosto revele a menor emoção, enfrenta a fome, a pobreza, a indisciplina dos filhos, as violências da mulher, e finalmente a calúnia, a tirania, a prisão, os ferros e o veneno. E no entanto se, por um dever de cortesia, precisava erguer um copo, era no exército quem melhor bebia; não se recusava a brincar com as crianças e o fazia de bom humor, porque, como diz a filosofia, tudo assenta ao sábio. Tais fatos abundam na vida de Sócrates; e nunca podemos deixar de apresentar esse personagem como modelo de toda perfeição. Poucos exemplos há de uma vida tão plena e tão pura, e é um erro em nossa educação oferecer-nos outros exemplos frágeis e defeituosos, recomendáveis apenas de um só ponto de vista e mais suscetíveis de nos fazer retroceder do que avançar. Engana-se o povo: em verdade é mais fácil, para atingir um objetivo sem se perder, contorná-lo com habilidade do que enfrentá-lo sem rodeios; mas é também menos honroso e digno de admiração.

A grandeza de alma consiste menos em se elevar e avançar do que em se ordenar e se circunscrever. Grande é tudo o que é suficiente; e há mais elevação em amar as coisas comuns do que as eminentes. Nada é tão legítimo e belo como desempenhar o papel de homem em todos os seus aspectos. Não há

³⁷⁶ Horácio.

³⁷⁷ Da Sorbona — universitário.

³⁷⁸ Cícero.

ciência mais árdua do que a de saber viver naturalmente; e a mais terrível das moléstias é o desprezo pela vida.

Quem quiser isolar a alma, faça-o se o puder, quando o corpo se achar enfermo, a fim de evitar o contágio. Fora disso, ao contrário, que ela o assista sempre e não lhe recuse tomar parte nos prazeres naturais; contribuindo além disso com sua moderação para evitar o abuso que acarreta o desprazer. A intemperança é a peste da volúpia; a temperança é o condimento. Eudóxio, que considerava a volúpia um bem soberano, e seus companheiros que tanto a valorizavam, saborearam-na em toda a sua doçura, graças à temperança que, neles, sempre foi exemplar.

Ordeno à minha alma que olhe com os mesmos olhos a dor e o prazer: "A dilatação da alma no prazer não é menos anormal do que sua contração na dor³⁷⁹." Ordeno-lhe que os encare com igual firmeza; jovialmente aquela, severamente este, e que procure acalmar a primeira com o mesmo cuidado com que deve procurar não exacerbar o outro. Uma apreciação sadia dos bens acarreta um julgamento sadio dos males. Assim como a dor tem algo inevitável em seu início, o prazer tem algo evitável. Platão coloca-os em pé de igualdade e quer que seja tarefa da firmeza de ânimo combater os excessos de ambos. São duas fontes; feliz quem sabe dessedentar-se numa e noutra segundo suas necessidades. Tome-se a dor como um remédio, quando imprescindível, e o menos possível; tome-se o prazer quando se tem sede, mas sem se embriagar. A dor, o prazer, o amor, o ódio são os primeiros sentimentos da criança; na sua subordinação à razão, mais tarde, encontra-se a virtude.

Tenho um vocabulário meu: digo que "passo o tempo" quando o tempo é mau e incômodo; mas quando é bom não quero "passar", quero saboreá-lo e parar. Cumpro correr quando é mau e andar devagar em caso contrário. Estas expressões comuns "passatempo" e "passar o tempo" espelham bem a maneira de viver dessa gente prudente que imagina não haver melhor emprego para a vida. Deixam-na passar, esquivam-se, ignoram-na como se fosse coisa nociva e desprezível. Eu porém penso de outro modo, acho-a agradável e valiosa mesmo em seus últimos momentos. A natureza no-la deu em condições tão favoráveis que somente por nossa culpa pode tornar-se pesada e inútil: "A vida do insensato é desagradável, inquieta; pois só tem por objetivo o futuro³⁸⁰." Preparo-me, contu-

do, para perdê-la sem queixas, porque isso está na ordem das coisas e não porque ela me seja penosa e importuna; aliás, quem se compraz na vida não teme deixá-la. Há que gozar a existência e eu a gozo duplamente, porquanto o gozo se mede pela atenção que lhe dedicamos. Sobretudo neste momento em que percebo que a minha toca de tão perto o fim, quero sublinhar quanto a aprecio, sustar a rapidez de sua fuga com minha presteza em detê-la, e compensar, quanto possível, a transitoriedade pela intensidade. Na medida em que diminui o tempo de que ainda disponho, aplico-me em fazer que a posse seja mais profunda e completa.

Sentem outros a doçura da satisfação e da prosperidade; sinto-a também, mas não de passagem e sem me apegar a ela. Cabe estudá-la, saboreá-la, ruminá-la para melhor devolver àquele que no-la outorga a graça que lhe devemos. Gozamos os prazeres como gozamos o sono, sem sentir. Pois, para melhor apreciar esse prazer do sono, lembrei-me outrora de mandar que me acordassem. Analiso meus prazeres; não me mantenho à superfície; aprofundo-me e obrigo minha razão a prestar-lhes atenção quando principiam a entediá-me. Se me encontro em um momento de calma, ou experimento alguma sensação agradável, não deixo que os sentidos os esbanjem, faço intervir o espírito para que os sinta igualmente, para que deles tenha consciência. Quero que se mire nesse estado e participe da euforia do corpo. Quero que pondere quanto deve a Deus por se achar com a consciência repousada e livre de paixões e por ter um corpo em condições normais, gozando ordenada e competentemente as funções doces e agradáveis que Deus houve por bem atribuir-lhe para compensar as dores que sua justiça também lhe dá. Examina minha alma o valor de se achar instalada de tal maneira que, de onde quer que dirija a vista, depara com um céu sereno que nenhum desejo, temor ou dúvida perturba; e sempre pode sua imaginação representar-se, sem sofrimento, qualquer dificuldade passada, presente ou futura. Vejo que isso é do maior alcance, quando o comparo com casos diferentes e quando encaro, sob mil aspectos, o destino das pessoas cujos erros as expõem ao furor da tempestade e também as que, mais próximas de mim, consideram sem entusiasmo e negligentemente a sua sorte. São gente que realmente "passa o tempo"; não vê senão além do presente e do que possui; vive de esperanças, de sombras, de miragens; "como esses fantasmas que se vêem rodar em volta dos túmulos após a morte, ou esses sonhos que ilu-

379 Cícero

380 Sêneca.

dem os nossos sentidos entorpecidos³⁸¹, e fogem de quem os persegue. O fim e o resultado que essas pessoas têm em mira consistem em apenas prosseguir, assim como Alexandre só trabalhava por trabalhar, “achando nada ter feito quando sobrava alguma coisa por fazer³⁸²”.

Amo pois a vida e a cultivo tal qual Deus outorgou. Não gostaria que carecesse de necessidade de beber e comer, nem me agradaria que essa necessidade fosse maior do que é: “Busca o sábio com ansiedade as riquezas naturais³⁸³.” Tampouco lamento que não nos alimentemos com aquela droga graças à qual Epaminondas se privava de apetite e que lhe bastava para viver; nem que os filhos não nasçam das unhas ou dos calcanhares, ainda que com tais soluções não fosse menor a volúpia da fecundação; nem que nosso corpo não seja sem desejos e insensível às carícias; queixar-me seria mostrar-me ingrato e injusto. Aceito de bom grado e com reconhecimento o que a natureza fez por mim. Declaro-me satisfeito e congratulo-me com ela. Ofendemos essa grande e poderosa doadora, recusando-lhe os dons, anulando-os ou os deformando. De sua parte tudo é bom, o que faz é bem feito: “Tudo o que se ajusta à natureza é digno de apreço³⁸⁴.”

Entre as opiniões da filosofia prefiro as mais sólidas, isto é, as mais humanas, as mais nossas. Raciocinando como vivo, com humildade, sem elevação de idéias, acho infantil de sua parte pregar-nos solenemente as vantagens de unir o divino ao humano, a razão à loucura, a severidade à indulgência, a honestidade à desonestidade. São coisas monstruosas. Acho-a ridícula quando afirma que a volúpia é brutal e indigna do sábio; que o único prazer que se deve usufruir de uma bela e jovem esposa é o de cumprir um ato natural, como o de calçar as botas para uma longa cavalgada. Talvez abandonassem os filósofos tais idéias se os seus direitos de desvirginar suas mulheres se reduzissem aos termos de seus ensinamentos!

Sócrates, mestre desses sábios e nosso, não diz o mesmo. Aceita, como deve, o prazer físico; mas prefere o do espírito, que julga mais rico, forte, variado e digno. Este último porém não deve isolar-se — Sócrates não é um sonhador — mas tão-somente controlar o outro; deve atentar para a moderação e não se apresentar como adversário. A natureza é um guia amável, mas no qual a prudência e a justi-

ça superam a doçura: “É preciso penetrar a natureza das coisas e ver exatamente o que ela exige³⁸⁵.” Ando continuamente à sua procura, mas a pista perde-se por vezes em meio às intervenções da arte, eis por que o soberano bem, acadêmico e peripatético, “de viver segundo a natureza” é difícil de se delimitar e aplicar. O mesmo acontece com o que propugnam os estóicos: “consentir no que ela pede” Não será um erro considerar certos atos desairosos só porque são necessários? Por isso acredito que a aliança do prazer com a necessidade, que os deuses procuram sempre impor, é uma união de grande conveniência. Por que desmembrar e divorciar tais elementos de uma associação tão fraternal? Apertemos ao contrário o laço que os prende e façamos com que se prestem mutuamente serviço. Que o espírito desperte e vivifique o corpo tão pesado em si e que este modere a leveza daquele e o torne estável: “Quem quer que exalte a alma como soberano bem e condene a carne como coisa má, abraça e adora a alma com os sentidos; a seus sentidos também se atribuirá o sentimento que o induz a fugir da carne, e que nasce do fato de raciocinarmos sob o império da vaidade humana e não em obediência à verdade divina³⁸⁶.”

No presente que Deus nos oferece não há nada indigno de nosso cuidado; de tudo terei de prestar contas em todas as suas minúcias. O criador, ao dar ao homem a missão de se conduzir por si, fê-lo de um modo expresso, severo e franco. Como as palavras alheias têm mais peso do que as que dizemos, insistamos nesse ponto com a opinião de Sêneca: “Não é tolice fazer com negligência e de mau humor o que se tem obrigação de fazer? Empurrar o corpo para um lado e a alma para o outro, é dividir-se em prol de dois movimentos contrários.”

Se quiserdes algum dia examinar os pensamentos e argumentos que tem na cabeça quem rechaza a idéia de uma boa refeição e lamenta o tempo perdido em comer, vereis que entre todos os pratos de vossa mesa nenhum haverá tão insípido quanto o estado em que desse modo entretém a alma (as mais das vezes melhor fora que dormíssemos, dadas as causas que nos mantêm acordados) e achareis que suas razões não valem vosso ensopado. E o próprio êxtase em que caía Arquimedes, que importância tinha na realidade? Não viso aqui (não as confundindo com a turba de fedelhos que somos, nem lhes atribuindo os desejos e os pensamentos em que se compraz nossa vaidade).

³⁸¹ Virgílio.

³⁸² Lucano.

³⁸³ Sêneca.

³⁸⁴ Cícero.

³⁸⁵ Id.

³⁸⁶ Santo Agostinho.

de) a essas almas veneráveis que o ardor religioso e a devoção induzem a uma constante e conscienciosa meditação acerca das coisas divinas, e que, inteiramente amarradas pelo esforço que lhes inspira a esperança viva e profunda de conquistar a felicidade eterna — fim último para o qual tendem as aspirações cristãs, único prazer contínuo e incorruptível — desdenham dar atenção a essas necessidades que são também satisfações, mas passageiras e ambíguas, e renunciam tão facilmente a preocupar-se com o corpo, recusando-lhe o uso daquilo que, nesta vida, é apanágio dos sentidos. Trata-se nesse caso de um ideal. Geralmente tenho visto marcharem de comum acordo as idéias elevadíssimas e os costumes mais condenáveis.

Esse grande homem que foi Esopo, ao ver seu amo urinar andando, exclamou: “Teremos também que esvaziar o ventre correndo?” Com efeito, por melhor que empreguemos o tempo, sempre nos sobrarão algum para a ociosidade e os erros; nosso espírito encontrará, se quiser, horas bastantes para executar suas tarefas sem se dissociar do corpo no curto espaço de tempo que este exige. As pessoas obcecadas por essa idéia de separar o corpo do espírito, de se tornarem diferentes e de deixar de ser homens não passam de loucos; não se transformam em anjos e sim em feras; em lugar de se elevarem, abaixam-se. Esses humores transcendentais apavoram-me, como os sítios excessivamente altos e inacessíveis, e nada me parece tão difícil de admitir na vida de Sócrates quanto seus êxtases e aquele gênio familiar a que atribuía sua inspiração. Quanto a Platão, as qualidades em virtude das quais o apelidaram divino são exatamente, a meu ver, o que tem de mais humano. E entre as ciências, as que pretendem tratar das coisas mais elevadas são as que mais perto da terra se acham e as de menor importância. Não acho tampouco nada na vida de Alexandre, mais chão, e sinal

evidente de que é um mortal, quanto sua quimérica pretensão à imortalidade. Isso, de resto, acarretou-lhe uma espirituosa observação de Filotas. Quando Alexandre lhe escreveu que o oráculo de Júpiter Amom o colocara entre os deuses, Filotas redarguiu: “Folgo em sabê-lo, por causa da consideração que terás; mas como são dignos de piedade os homens obrigados a viver com uma pessoa que os sobreexcede a tal ponto, que despreza a condição humana, e a quem devem obediência! “É porque te submetes aos deuses, que comandas os homens³⁸⁷.”

A graciosa inscrição com que os atenienses homenagearam Pompeu concorda com minha maneira de pensar: “És tanto mais divino quanto reconheces que és apenas um homem³⁸⁸.”

Saber lealmente gozar do próprio ser, eis a perfeição absoluta e divina. Nós só desejamos condições diferentes das nossas porque não sabemos tirar partido daquelas em que nos achamos. Saímos de nós mesmos porque ignoramos o que nos compete fazer. Embora usemos pernas de pau, temos de mexer as do corpo para andar, e é com o traseiro que nos sentamos no mais alto trono do mundo. As mais belas vidas são, penso, as que se adaptam ao modelo geral da existência humana, as mais bem ordenadas e de que se excluem o milagre e a extravagância. Quanto à velhice, cumpre tratá-la com alguma ternura; eis por que termino recomendando a minha a esse deus protetor da saúde e da sabedoria, da sabedoria jovial e sociável: “Peço-te, filho de Latona, que me deixes gozar o fruto de meus trabalhos, dando-me uma saúde constante e perfeita, livrando-me da senectude, surda aos doces cantos das Musas³⁸⁹.”

³⁸⁷ Horácio.

³⁸⁸ Plutarco.

³⁸⁹ Horácio.